

**UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
Curso de Psicologia

Bianca Aparecida de Oliveira Santos  
Eduardo Luciano Camolez  
Isabelly Braga de Barros  
Micoli Cerqueira dos Santos  
Vanessa Alves Spindola  
Viviane Silveira Leite

**MANEJO CLÍNICO PSICOLÓGICO DIANTE DE ADOLESCENTES COM  
IDEAÇÕES SUICIDAS**

NOTA 10

**SÃO PAULO - CHÁCARA II**  
**2025**

Bianca Aparecida de Oliveira Santos – N70037-8

Eduardo Luciano Camolez - T035CE-1

Isabelly Braga de Barros - G18JHH-3

Micoli Cerqueira dos Santos – F341AB-2

Vanessa Alves Spindola - T0591D-9

Viviane Silveira Leite - T0430B-1

**MANEJO CLÍNICO PSICOLÓGICO DIANTE DE ADOLESCENTES COM  
IDEAÇÕES SUICIDAS**

Relatório de Pesquisa apresentado para o  
Plano de Estudos Orientados - PEO, do Curso  
de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP,  
sob a orientação da Professora Ma. Edna  
Aparecida Mercado

**SÃO PAULO - CHÁCARA II**

**2025**

### **CIP - Catalogação na Publicação**

**Manejo Clínico Psicológico Diante de Adolescentes com Ideações Suicidas** / Bianca Aparecida de Oliveira Santos, Eduardo Luciano Camolez, Isabelly Braga de Barros, Micoli Cerqueira dos Santos, Vanessa Alves Spindola e Viviane Silveira Leite - 2025.

80 f.

Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) apresentado ao Instituto de Ciência Humana da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de Concentração: Saúde

Orientadora: Professora Me. Edna Aparecida Mercado.

1. Suicídio. 2. Adolescência. 3. Manejo Clínico Psicológico. 4. Ideação Suicida. 5. Fenomenologia Existencial. 6. Psicanálise.

Bianca Aparecida de Oliveira Santos – N70037-8

Eduardo Luciano Camolez - T035CE-1

Isabelly Braga de Barros - G18JHH-3

Micoli Cerqueira dos Santos – F341AB-2

Vanessa Alves Spindola - T0591D-9

Viviane Silveira Leite - T0430B-1

## **MANEJO CLÍNICO PSICOLÓGICO DIANTE DE ADOLESCENTES COM IDEAÇÕES SUICIDAS**

Relatório de Pesquisa apresentado para o Plano de Estudos Orientados - PEO, do Curso de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP, sob a orientação da Professora Ma. Edna Aparecida Mercado.

O trabalho foi considerado \_\_\_\_\_ com a nota ( \_\_\_\_\_ ).

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Ma. Elânia Francisco Lima, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Junior -  
UNESP

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Andréa Cristina Tavelin Biselli, Universidade Paulista - UNIP

\_\_\_\_\_  
Prof.(a) Ma. Edna Mercado, Universidade Paulista - UNIP  
Orientador(a)

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares e amigos, que sempre acreditaram no nosso potencial, nos motivaram a seguir em frente, mesmo diante de momentos difíceis nessa longa jornada que é a graduação de Psicologia, que souberam compreender nossas ausências, acolher nosso cansaço e celebrar nossas conquistas, nosso mais singelo agradecimento. Não faltaram palavras de apoio e perseverança e isso foi força propulsora para que conseguíssemos chegar até aqui. E por fim, gostaríamos de dedicar este trabalho especialmente aos adolescentes que foram fonte de inspiração, que cada gesto de cuidado em direção a eles seja uma manifestação de acolhimento, compreensão e empatia.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaríamos de manifestar nosso genuíno agradecimento a todos que se fizeram presentes durante essa jornada da graduação, com agradecimento especial a nossa orientadora de TCC, a professora M.e Edna Mercado pela orientação segura, pela generosidade na partilha de saberes e pela disposição em olhar cada uma dessas páginas com atenção. Agradecemos pela orientação acadêmica e por nos apoiar na decisão dessa temática desde o início.

Aos professores do curso de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP, especialmente professores Guilherme Lopes, João Marcos, Andréa Biselli, Ludmila de Oliveira e Ernane Borges que contribuíram com conhecimentos valiosos durante toda a graduação, sobretudo a respeito dessa temática.

Aos nossos pais e familiares, pelo amor, apoio e compreensão em todos os momentos.

Aos colegas de turma, pelas trocas, companheirismo e incentivo mútuo.

E por fim, gostaríamos de agradecer a todos os adolescentes que, em silêncio, enfrentam dores profundas, muitas vezes invisíveis. Que nunca lhes falte alguém que olhe para além dos sintomas, que escute suas angústias, e que esteja disposto a caminhar junto, mesmo diante das adversidades. Espera-se que este trabalho possa, de alguma forma, contribuir para compreendê-los com mais escuta e menos julgamento.

“A vida, como ela é imposta a nós, é demasiado dura para ser suportada.”

Sigmund Freud

## RESUMO

**Manejo clínico psicológico diante de adolescentes com ideias suicidas.** SANTOS, B.A.O; CAMOLEZ, E.L; BARROS, I.B.; SANTOS, M.C; SPINDOLA, V.A.; LEITE, V.S; MERCADO, E.A. (orientadora). Curso de Psicologia, Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Paulista - UNIP, Campus Chácara II, 2025.

O presente trabalho aborda, sob as perspectivas fenomenológica-existencial e psicanalítica, a compreensão e o manejo clínico de ideias suicidas em adolescentes. Reconhece-se que o comportamento suicida na adolescência permanece um tabu na sociedade ocidental, frequentemente associado a fraqueza e culpa. A vida contemporânea, influenciada pelo neoliberalismo, padrões de alta performance, redes sociais e a busca por aprovação, somadas a fatores como preconceito e exclusão, pode intensificar a ideiação e as tentativas de suicídio. Este estudo, configurado como uma revisão sistemática baseada no protocolo PRISMA e na ferramenta PICO, selecionou 35 artigos científicos e livros, publicados entre 2010 e 2024, em língua portuguesa. As buscas foram realizadas nas bases de dados PePsic, SciELO e BVS, priorizando autores da fenomenologia e psicanálise. O manejo na Psicanálise foca na escuta para a elaboração simbólica de conflitos inconscientes e o luto da infância, já a Fenomenologia prioriza o acolhimento da experiência existencial e a busca por novos sentidos. Conclui-se, portanto, que o adolescente, em sua singularidade existencial e período de transição, demanda um olhar atento dos profissionais de psicologia, que devem oferecer acolhimento ao sofrimento psíquico e ir além da mera preservação da vida, buscando compreender a complexidade da existência desses indivíduos, sendo assim a escuta singular, a ética e o acolhimento são os pilares essenciais da prática clínica no manejo de ideiação suicida em adolescentes.

**Palavras-chave:** Suicídio. Adolescência. Manejo clínico. Ideação suicida. Fenomenologia. Psicanálise.

## ABSTRACT

**Psychological Clinical Management of Adolescents with Suicidal Ideation.** SANTOS, B.A.O; CAMOLEZ, E.L; BARROS, I.B.; SANTOS, M.C; SPINDOLA, V.A.; LEITE, V.S; MERCADO, E.A. (Advisor). Undergraduate Thesis - Psychology Course, Institute of Human Sciences, Universidade Paulista - UNIP, Chácara II Campus , 2025.

This study addresses the understanding and clinical management of suicidal ideation in adolescents from the phenomenological-existential and psychoanalytic perspectives. It is recognized that suicidal behavior in adolescence remains a taboo in Western society, often associated with weakness and guilt. Contemporary life, influenced by neoliberalism, high-performance standards, social media, and the pursuit of approval, combined with factors such as prejudice and exclusion, can intensify suicidal ideation and attempts. This study is structured as a systematic review based on the PRISMA protocol and the PICO framework. It selected 35 scientific articles and books published between 2010 and 2024, in Portuguese. Searches were conducted in the PePsic, SciELO, and BVS databases, prioritizing authors from phenomenology and psychoanalysis. In Psychoanalysis, management focuses on listening for the symbolic elaboration of unconscious conflicts and the mourning of childhood , while Phenomenology prioritizes the welcoming of the existential experience and the search for new meanings. It is thus concluded that adolescents, in their existential singularity and period of transition, demand careful attention from psychology professionals. These professionals must offer support in the face of psychological suffering and go beyond merely preserving life, seeking to understand the complexity of these individuals' existence. Therefore, singular listening, ethics, and welcoming are the essential pillars of clinical practice in the management of suicidal ideation in adolescents.

**Key-words:** Suicide. Adolescence. Clinical management. Suicidal ideation. Phenomenology. Psychoanalysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção e análise de publicações .....	23
Figura 2 - Mapa com taxas de suicídio.....	30
Figura 3 - Gráfico com taxa global de suicídio por gênero, região e os países com maiores índices.....	31
Figura 4 - Taxas de mortalidade por suicídio segundo variação percentual anual....	31
Figura 5 - Taxa anual de mortalidade por suicídio segundo gênero.....	32
Figura 6 - Taxas de mortalidade por suicídio, segundo gênero e faixa etária.....	32

## SUMÁRIO

<b>1. MANEJO PSICOLÓGICO PARA O ADOLESCENTE COM IDEAÇÃO SUICIDA</b>	<b>12</b>
1.1 Apresentação.....	12
1.2 Tema, Problema e Levantamento Bibliográfico.....	14
1.3 Objetivos.....	16
1.3.1 Objetivo Geral.....	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	17
1.4 Hipóteses.....	17
1.5 Justificativa.....	18
<b>2. MÉTODO.....</b>	<b>19</b>
2.1 Material.....	19
2.2.1 Critérios de Inclusão.....	20
2.2.2 Critérios de Exclusão.....	20
2.3 Análise de dados.....	21
2.4 Cronograma.....	23
<b>3. MANEJO CLÍNICO PSICOLÓGICO DE ADOLESCENTES COM IDEAÇÃO SUICIDA: ABORDAGENS PSICANALÍTICA E FENOMENOLÓGICA.....</b>	<b>24</b>
3.1 Suicídio: contextualizando o fenômeno.....	27
3.2 Compreensão psicanalítica e fenomenológica do suicídio.....	34
3.2.1 A perspectiva psicanalítica e o manejo sobre a ideação suicida em adolescentes.....	34
3.2.2 A perspectiva fenomenológica e o manejo sobre a ideação suicida em adolescentes.....	41
3.3 O impacto das práticas clínicas utilizadas por psicólogos diante de adolescentes com ideação suicida.....	47
<b>4. DISCUSSÃO.....</b>	<b>53</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>76</b>

# **1. MANEJO PSICOLÓGICO PARA O ADOLESCENTE COM IDEAÇÃO SUICIDA**

## **1.1 Apresentação**

O fenômeno do suicídio sempre esteve presente na sociedade, sendo determinado pela época e contexto social em que se encontra o indivíduo, mas ao longo da história as concepções sobre esse fenômeno foram sendo alteradas. Segundo Feijoo (2019), desistir da vida no mundo hebraico, entre 1750 a.C. e 539 a.C., no Antigo Testamento, aparece de forma estrita e neutra, denotando atos de coragem. À medida que as grandes ocorrências de suicídios passaram a afetar a situação econômica-social e sofreram influência da igreja católica, o ato de pôr fim à vida se tornou proibido. Atualmente, a moralização de questões relacionadas ao suicídio ainda é bastante forte, carregando estigmas advindos de influências religiosas, que exercem grande controle sobre nossa sociedade.

A patologização do suicídio, operado pela perspectiva médica e psiquiátrica, também exerce forte influência sobre a maneira de enxergar e “tratar” o fenômeno, associando-o quase sempre à doenças mentais como a depressão, e sugerindo que esses problemas podem ser sempre reparados através do uso de psicofármacos. Esse movimento privilegia um olhar reducionista da questão quando desconsidera o contexto social, bem como a subjetividade do sujeito, que encontra na ideação do suicídio a única forma de pôr fim ao seu sofrimento.

Segundo a publicação do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2024), em 2021, ano em que o suicídio foi a 27° maior causa de mortes no Brasil, foram registrados 15.507 óbitos por este motivo, isso é equivalente a uma morte a cada 34 minutos, destes 77,8% ocorreram no sexo masculino. Isso afeta principalmente a população adolescente e adulta-jovem. Entre crianças e adolescentes de 5 a 14 anos, o suicídio representou a 11° causa de morte, ao passo que entre adolescentes e jovens de 15 a 19 anos e 20 a 29 anos foi, respectivamente, a terceira e quarta maior causa de mortalidade. Embora o país não apresente taxas elevadas diante do contexto global, existe uma tendência alarmante de acréscimo na mortalidade por atentados contra a própria vida.

Dados da Organização Mundial da Saúde - OMS (2021) apontam que o grupo populacional composto por adolescentes é um dos mais afetados pela ideação do suicídio, bem como pelas tentativas de completar o ato. As lesões autoprovocadas voluntariamente foram consideradas a terceira maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, a segunda maior causa de morte para mulheres e a terceira para homens (6 óbitos por 100 mil habitantes). É esse grupo que, também, possui os maiores índices de violência auto provocada, com o percentual de 23,2%. Um estudo presidido por Amaral *et al.* (2019), da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra, referente a um programa de prevenção ao suicídio realizado em 2019, com 102 adolescentes, em idades entre 13 e 17 anos, de uma instituição de ensino privada em São Luiz do Maranhão, mostrou que 30 (29,4%) desses jovens apresentavam ideação suicida e sintomatologia depressiva.

Considerando a grande prevalência da ideação suicida entre adolescentes, é necessário voltar nosso olhar para além de questões biológicas, passando a avaliar o contexto social na constituição da ideação do ato, entendendo-o como um fenômeno de fatores multideterminados, e assim compreender os motivos que levam os jovens a cogitarem pôr fim à própria vida.

Por se tratar de uma discussão que quase sempre recai no campo da moral, o ato de pôr fim à vida é tratado como algo que deve ser prevenido e evitado a qualquer custo, fazendo com que os profissionais e teóricos se utilizem de ferramentas tecnicistas a fim de evitá-lo. A psicologização do suicídio que, por vezes, responsabiliza os profissionais de saúde mental pela prevenção dos atos de pôr fim à vida através de um manejo clínico, pode fazer com que psicólogos (as) tendam a responder às expectativas sociais sobre os estigmas da questão. Sobre isso, tanto Feijoo (2019), diante de uma perspectiva da fenomenologia-hermenêutica, quanto Pereira e Rosal (2020) sob a ótica da psicanálise, trazem novas perspectivas sobre o manejo clínico da situação ao discutir o papel da psicologia diante do cenário exposto, e dissertam sobre uma prática crítica que consiga alcançar uma conduta de acolhimento sem recair em uma postura moralista e policialesca, ao mesmo tempo em que não retira do indivíduo a possibilidade de pensar sobre sua própria existência.

Tendo em vista a discussão do tema proposto, buscamos analisar a psicologização do suicídio sob novas perspectivas de acolhimento e compreensão do fenômeno.

## **1.2 Tema, Problema e Levantamento Bibliográfico**

Embora a produção acadêmica sobre o fenômeno do suicídio seja extensa, muitos desses estudos estão direcionados ao ato em si e ainda trazem uma visão estereotipada, com estigmas e sob um único prisma, de que trata-se de algo “a se prevenir a todo custo”, muito mais do que algo a se compreender. Percorremos a literatura sobre essa temática trazendo os aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e econômicos, tematizando os saberes e discursos que ao longo da história foram construídos em torno do suicídio.

O suicídio é multifatorial e pode ser representado como a ponta de um iceberg que esconde uma dimensão mais ampla de motivações. Com isso, buscamos explorar o tema a partir da história do suicídio no decorrer da humanidade, a psicologização do suicídio na sociedade contemporânea e os manejos clínicos adotados nas intervenções psicoterapêuticas.

Nesse sentido, considerando os fatores diversos e visando o aprofundamento dos estudos sobre esse fenômeno, questionamos: Como se deram as modificações históricas e sociais na concepção da moralidade em relação ao suicídio? Como tem sido o manejo clínico psicológico em relação à multideterminação do fenômeno, e quais tipos de estratégias e manejos clínicos têm predominado quando a demanda do suicídio é apresentada aos profissionais da Psicologia?

Para discutirmos essa problemática, recorreremos a estudos com ênfase na compreensão do suicídio e manejo clínico fenomenológico-existencial e psicanalítico, explorando teorias e conceitos de autores como Feijoo (2019), Boccardi (2018 e 2021), Friedemann e Narvaez (2020), Kovács (2013), Andrade *et al.* (2020), Pereira e Rosal (2020) e Amaral *et al.* (2020).

Feijoo (2019) trouxe uma compreensão dessa temática sob a ótica da psicologia existencial e discorreu que, mesmo diante da diversidade de políticas de mobilização e prevenção ao suicídio no Brasil, ainda há um crescente aumento nos atos de pôr fim à vida. Isso se dá pelo fato de ainda não existirem iniciativas de real alcance ao tema, resultando no despreparo do profissional de psicologia na construção de discussões e manejo clínico do fenômeno. O psicólogo, neste campo,

se mostra como refém de duas perspectivas antagônicas: o suicídio como responsabilidade social ou o suicídio como decisão de caráter individual, o que os leva a cair em um tratamento e posicionamento tecnicista, que não considera o caráter multideterminado e singular do fenômeno.

Ao explorar o tema, Feijoo (2019), considerou que a morte voluntária, ou suicídio enquanto fenômeno, é determinada pela época em que se vive, bem como pela decisão do indivíduo de pôr fim à vida, e que sempre esteve presente na humanidade. O ato de pôr fim à vida ganhou corporeidade em torno do termo “suicídio”, que se transformou, e continua a se transformar, de acordo com as concepções de cada período histórico.

Em concordância com o exposto, Boccardi (2021) desafiou repensarmos novas interpretações sobre o fenômeno, desnaturalizando e partindo de uma análise histórico-cultural das concepções sobre a morte autoprovocada, questionando a relação que a cultura estabelece ao determinar o suicídio, explorando exemplos de momentos históricos nos quais, a morte autoprovocada, oscila entre ato heróico e ato de covardia. Sob a luz da dinâmica capitalista que concebe o suicídio como sintoma de loucura, Boccardi (2021) discorreu acerca dos movimentos de combate, patologização, protocolização e padronização de tratamentos para ideações suicidas. O impacto deste discurso contemporâneo sobre o suicídio transforma o indivíduo em objeto de manejos clínicos, descritos em cartilhas e com fortes expectativas de prevenção.

Ainda diante do viés cultural sobre o suicídio, Friedemann e Narvaez (2020), exploraram o impacto que a escola constitui para as ideações suicidas de adolescentes ao caracterizar-se como um espaço de transição entre família e sociedade. Apesar da escola não ser vista como um fator único, a pesquisa de Friedemann e Narvaez (2020) apresentou que esta instituição, na visão dos adolescentes, não é nem causadora e nem minimizadora dos conflitos que podem provocar ideações suicidas, o que nos leva a questionar o papel que as instituições têm na concepção da morte autoprovocada.

Kovács (2013), por sua vez, apontou que o suicídio, mesmo não sendo considerado crime, é compreendido ainda como uma transgressão religiosa e social, reafirmando o quanto o fenômeno é cercado por conflitos morais. Nessa linha de religiosidade, Andrade *et al.* (2020) apresentou um estudo voltado à compreensão

do papel da religião e espiritualidade que, para além da institucionalização, têm considerável participação na vida de adolescentes com ideias suicidas, não podendo ser descartadas na construção do manejo clínico.

Na perspectiva da relação entre o suicídio e adolescentes, Pereira e Rosal (2020) também descreveram um estudo realizado com psicanalistas sobre o manejo clínico de pacientes adolescentes com ideiação suicida, estágio em que segundo as autoras ainda é possível fazer algo. Examinaram como se dá a escuta, a transferência e a resistência no processo psicoterápico desses pacientes. Diante desse estudo, Pereira e Rosal (2020) articularam a necessidade de uma visão que transforma o indivíduo como único, que o acolhimento é a principal medida comum e que o espaço de escuta ativa para esse indivíduo e empatia com seu sofrimento são chave, principalmente no início do processo, independente da estrutura psíquica desse paciente.

Amaral *et al.* (2020), complementou essa discussão trazendo um estudo realizado com adolescentes que apresentaram ideiação suicida e sintomatologia depressiva, de uma instituição de ensino privada da cidade de São Luís, Maranhão. Demonstrou a importância da psicoterapia, já que houve diminuição da sintomatologia depressiva, da desesperança e da ideiação suicida, após a implementação do programa de intervenção elaborado.

Logo, é importante, partindo das construções científicas apresentadas, analisarmos e compreendermos os fatores multideterminantes do fenômeno suicídio, considerando seu caráter histórico-cultural, conflitos morais provocados pelas concepções religiosas e sociais, entendendo a necessidade de um manejo clínico responsável que respeite a individualidade e promova cuidado, escuta e acolhimento.

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

- Compreender como é o manejo clínico psicológico no trato da ideiação suicida de adolescentes, sob o prisma das abordagens psicanalítica e fenomenológica.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Levantar dados histórico-bibliográficos sobre o suicídio considerando as transformações do contexto histórico, social, cultural e religioso.
- Investigar teorias sobre o tema de suicídio em adolescentes a partir das abordagens fenomenológica e psicanalítica.
- Apresentar as ferramentas e/ou a visão contemporânea, utilizadas atualmente no manejo do adolescente com ideação suicida, com enfoque na descoberta de novos modos de olhar para a ideação suicida e o impacto do trabalho do psicólogo.
- Revisitar as práticas clínicas utilizadas por psicólogos, na atualidade, para atuar junto a adolescentes com ideação suicida, analisando seu impacto.

### 1.4 Hipóteses

O sujeito com comportamento suicida é visto pela sociedade ocidental atual, no âmbito cultural, social e histórico, como um ser dotado de sentimentos de não valia e fraqueza, e com alta carga de culpabilidade, acreditamos que a forma de vida contemporânea, o sistema neoliberal, resultado da história, da cultura e da modernidade dos tempos, pode ter influência no aumento do número de casos de ideação e tentativas de suicídio nos últimos anos. A cultura de alta performance, os novos padrões de beleza, as redes sociais e a necessidade de aprovação, entre outros, está afetando cada vez mais a vida das pessoas, principalmente a dos adolescentes brasileiros.

Acreditamos que falar sobre suicídio ainda é um tabu na sociedade atual, embora existam muitas ações voltadas a esse tema. Assim, apesar de reconhecida a importância de campanhas com objetivo de prevenção do suicídio, como a campanha Setembro Amarelo, os números de ideação suicida, auto lesão e tentativas de suicídio, têm crescido na população mais jovem (os adolescentes), o que nos leva a crer que talvez essas ações não estejam surtindo o efeito esperado na prática, uma vez que o *modus operandi* da sociedade neoliberal atual não tem mudado. Além disso, observa-se um aumento no número de diagnósticos de transtornos mentais em adolescentes e excessivo uso de psicofármacos, assim como um crescente número desse mesmo público com ideações e tentativas de suicídio, o que nos leva a supor que é importante tratar o tema a partir de outras

perspectivas e com novas formas de atuação, considerando o contexto desses adolescentes, seus interesses, sua forma de vida e a influência da sociedade contemporânea na vida desse grupo.

### **1.5 Justificativa**

A importância desse estudo se dá diante da percepção do crescimento de casos de suicídio e da aparente insuficiência social em lidar com a temática, ora pelo impacto do suicídio ser estigmatizado diante de uma lógica capitalista-cristã, ora pelos conflitos sociais com o desconhecimento sobre a morte. Logo, no âmbito da psicologia, o suicídio deve ser visto como um problema social e de saúde pública, bem como o psicólogo deve compreender todo contexto social do indivíduo para propor conscientização, mudanças necessárias e intervir através de manejos adequados, possibilitando maneiras saudáveis de existência para esses indivíduos.

Apesar das várias práticas clínicas existentes, há uma necessidade contínua de revisar e melhorar os métodos utilizados no manejo da ideação suicida. A realização de estudos acerca do tema pode levar à compreensão de pontos fortes e limitações dos métodos clínicos aplicados, especialmente quando o contexto histórico-cultural envolve a moralidade dentro do debate. A análise crítica acerca do suicídio, partindo de referenciais da psicanálise e da fenomenologia existencial pode fornecer subsídios e recomendações práticas de outros modos de investigar e lidar com a ideação suicida em adolescentes. Ao criticar e revisar as práticas clínicas existentes, busca-se a possibilidade de identificar lacunas e novas oportunidades de intervenções mais eficazes, que levem em consideração o caráter singular das motivações dos indivíduos.

É necessário entender que o estudo do manejo clínico desses pacientes pode trazer maior capacitação aos profissionais que almejam atuar com nessa temática com um público mais jovem, proporcionando um olhar humanizado, com o objetivo de aliviar o sofrimento psíquico do indivíduo com ideações suicidas e, como consequência, também dos seus familiares, que muitas vezes não sabem como lidar com essa situação e podem não receber a adequada orientação dos profissionais da psicologia.

## 2. MÉTODO

A presente pesquisa propôs uma revisão sistemática da literatura, através de artigos, dissertações, teses e livros, que tenham como temática central o manejo clínico de psicólogos frente a pacientes adolescentes com ideações suicidas, por meio das abordagens psicanalítica e fenomenológica. A revisão sistemática foi escolhida como metodologia por considerarmos uma importante ferramenta para identificar, selecionar, resumir, avaliar a qualidade de evidências e comunicar os resultados, a partir da categorização de produções científicas, auxiliando na análise de grande quantidade de pesquisas e informações.

Para a condução da revisão sistemática utilizamos o protocolo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*)<sup>1</sup>, que nos possibilitou relatar todos os aspectos do processo de elaboração, de forma objetiva e transparente, minimizando riscos de erros ou vieses, garantindo uma melhor confiabilidade científica.

### 2.1 Material

Na constituição desta pesquisa foram utilizados artigos científicos encontrados nas bases de dados: Periódicos de Psicologia (PePsic), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e livros sobre a temática, levando em consideração autores da fenomenologia e psicanálise, selecionados a partir de fontes primárias empregadas nas referências consultadas.

### 2.2 Procedimentos para coletas de dados

O levantamento bibliográfico da pesquisa foi realizado entre abril e junho de 2024 e as estratégias de busca foram definidas com o objetivo de identificar os estudos relacionados ao tema e que fossem ao encontro do problema da pesquisa: “Como se dá o manejo clínico de psicólogos frente a pacientes adolescentes com

---

<sup>1</sup>A declaração dos Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA), publicada em 2009 e atualizada em 2020, foi desenvolvida para ajudar revisores sistemáticos a relatar de forma transparente por que a revisão foi feita, os métodos empregados e o que os autores encontraram, inclui uma lista de checagem de 27 itens recomendados para relatar revisões sistemáticas (2022).

ideações suicidas, por meio das abordagens psicanalítica e fenomenológica?”. No início, foi necessário estabelecer os seguintes descritores: Suicídio, Suicídio adolesce\$ e Ideaç\$ Suicida em Adolesce\$. Cabe ressaltar que a modalidade de pesquisa utilizada foi a booleana, que nos permitiu através do uso de operadores booleanos estabelecer combinações entre termos. Exemplo: “\$” - garante que o radical da palavra seja utilizado independente da terminologia, “AND” - garante que todos os descritores utilizados estejam dentro dos resultados encontrados e “OR” - garante que um ou outro descritor esteja presente nos resultados.

A busca inicial resultou em 56 artigos na PePsic, 21 no SciELO e 3 na BVS, totalizando 80 artigos. Após remover as duplicações (n = 7), restaram 73 artigos. Os resumos dessas referências foram avaliados considerando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para essa análise.

### **2.2.1 Critérios de Inclusão**

Elegemos como critérios de inclusão referências publicadas entre 2010 e 2024, com amostra constituída essencialmente por adolescentes que, de acordo com o critério de classificação da Organização Mundial da Saúde, restringe-se a indivíduos entre 10 e 19 anos, bem como textos que adotaram conceito de suicídio, adolescência, ideação suicida e o contexto sócio-histórico do suicídio. Priorizamos produções em língua portuguesa, resultado de: estudos empíricos, relatos de pesquisa, estudos de caso e revisão sistemática de literatura. Esses critérios foram adotados visando facilitar e agilizar o processo de seleção e leitura dos documentos, a fim de eleger estudos mais atuais sobre a temática.

### **2.2.2 Critérios de Exclusão**

No total foram excluídos 45 artigos, e os critérios para tal foram: arquivos duplicados (n = 7), artigos que não incluíram adolescentes (10 a 19 anos) na amostra, (n = 5), arquivos com data anterior ao ano de 2010 (n = 18), arquivos com ênfase em outros aspectos sobre adolescentes e não comportamento suicida (12), resumo não disponível na base (n = 1), diziam apenas de conduta autolesiva, ou seja, sem mencionar ideação suicida ou suicídio (n = 2).

### **2.3 Análise de dados**

Essa pesquisa foi estruturada de acordo com a metodologia PICO (População, Intervenção, Comparador e Desfecho - em inglês Outcome), definindo os aspectos que foram utilizados na pesquisa científica, entre eles: tipo de estudo desejado, público de interesse, tipo de intervenção investigada e os resultados que esperamos alcançar a fim de responder a pergunta “Como se dá o manejo clínico de psicólogos frente a pacientes adolescentes com ideações suicidas, por meio das abordagens psicanalítica ou fenomenológica?”.

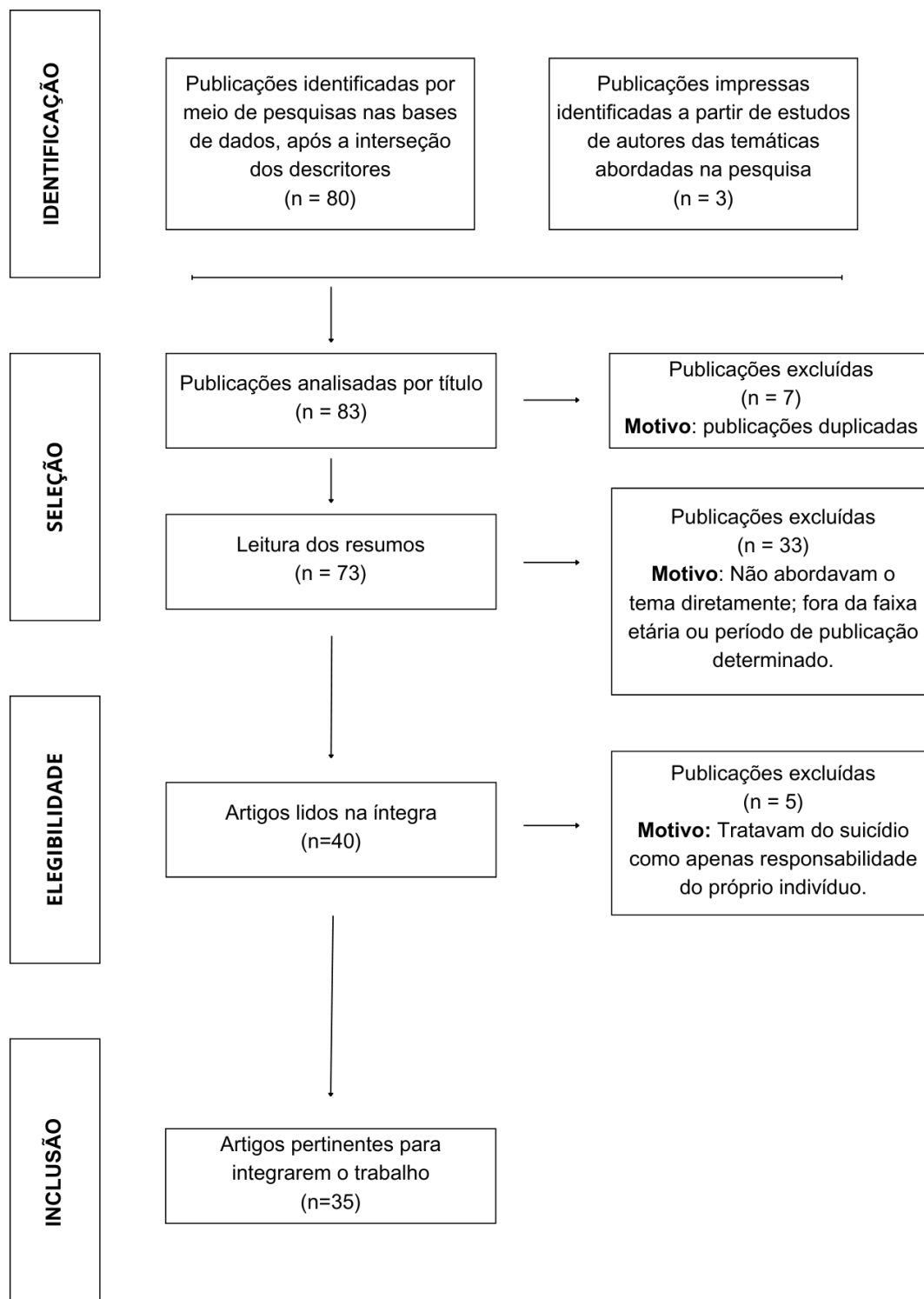
Após a seleção dos artigos, foi realizada a leitura detalhada, a fim de validar os critérios de seleção aplicados e a elegibilidade de cada um.

No processo de identificação, foram encontrados 80 artigos científicos nas bases de dados: Periódicos de Psicologia (PePsic), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Esses artigos foram avaliados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão durante os processos de seleção e elegibilidade.

Durante o processo de seleção foram excluídos 7 artigos por duplicação e durante a leitura dos resumos foram excluídos 33 artigos que não abordaram diretamente o tema da pesquisa e/ou não se enquadraram nos critérios de faixa etária e data determinada para a seleção das publicações.

Definindo os critérios de elegibilidades, 40 artigos foram selecionados e lidos na íntegra, a fim de avaliarmos cada um. Foram excluídas, nessa etapa, 5 publicações que tratavam da temática do suicídio como uma questão de responsabilização completa do próprio indivíduo. Como resultado final obtivemos 35 artigos científicos que integraram o projeto de pesquisa a partir da análise de dados, de acordo com o protocolo PRISMA. Destes 35 artigos científicos, após análise minuciosa, 25 artigos foram utilizados em citações diretas e indiretas neste trabalho, como base para a fundamentação teórica e visando compreender esse fenômeno que é a ideação suicida em adolescentes .

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção e análise de publicações



## 2.4 Cronograma

O cronograma de desenvolvimento do trabalho de pesquisa permitiu a organização das etapas e desenvolvimento da pesquisa, garantindo o cumprimento dos prazos e a ordenação das atividades em todas as suas fases. A pesquisa teve início em fevereiro de 2024, com a constatação do aumento de suicídio entre adolescentes e a elaboração do problema de pesquisa, e finalizada em novembro de 2025, com a finalização da pesquisa e apresentação pública da mesma.

Tabela 1 - Cronograma de atividades

<b>CRONOGRAMA</b>											
	<b>2024</b>										
<b>ETAPAS/FASES</b>	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Escolha do tema	x	x	x								
Levantamento bibliográfico			x	x	x						
Elaboração da introdução teórica				x	x						
Elaboração e apresentação do projeto de pesquisa					x	x	x	x			
	<b>2025</b>										
<b>ETAPAS/FASES</b>	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Coleta de dados			x	x							
Análise de dados			x	x							
Organização do roteiro do TCC			x								
Redação do trabalho				x	x	x	x	x			
Revisão e redação final									x		
Entrega do TCC										x	
Apresentação do TCC											x

**Fonte:** Alunos da Universidade Paulista - UNIP

### **3. MANEJO CLÍNICO PSICOLÓGICO DE ADOLESCENTES COM IDEAÇÃO SUICIDA: ABORDAGENS PSICANALÍTICA E FENOMENOLÓGICA.**

A compreensão do manejo clínico psicológico de adolescentes com ideação suicida exige, inicialmente, uma exploração e conceituação cuidadosa dos termos suicídio e adolescência. Tal compreensão é essencial para construir análises que considerem as dimensões individuais do fenômeno e os fatores socioculturais que o influencia, os quais estão intrinsecamente ligados ao contexto histórico, temporal e espacial em que esses jovens estão inseridos.

O suicídio, enquanto fenômeno complexo e multifatorial, não pode ser reduzido a uma única causa ou explicação simplista. Ele é o resultado de uma complexa rede de determinantes biológicos, psicológicos, econômicos, sociais e culturais, que se entrelaçam de maneira única em cada indivíduo. Neste contexto, Boccardi (2018) afirma que:

[...] urge superar os discursos totalizantes sobre o suicídio, que tentam reduzi-lo ao modelo ontológico (e também ético e epistêmico) da patologia e da proibição. Muitos são os caminhos para aprofundar esta discussão, seja no campo da saúde – com a proposição de metodologias de intervenção não dogmáticas e não coercitivas e com a realização de pesquisas que distem dos já esgotado estudos epidemiológicos dos fatores de risco e das neuronarrativas –, seja no campo filosófico e político – reelaborando os estatutos jurídicos e bioéticos que sustentam e derivam das representações discursivas do suicídio, dos suicidas e de quem se coloca diante deles (Boccardi, 2018, p.105).

Calligaris (2000) afirma que a adolescência é um ideal cultural e social e os adolescentes:

[...] têm corpos que reconhecemos como parecidos com os nossos em suas formas e seus gozos, prazeres iguais aos nossos e, ao mesmo tempo, graças à mágica da infância estendida até eles, são ou deveriam ser felizes numa hipotética suspensão das obrigações, das dificuldades e das responsabilidades da vida adulta (Calligaris, 2000, p.69).

Essa fase é frequentemente acompanhada de luto pelo fim da infância, pelos desafios atrelados ao processo de amadurecimento, bem como de vulnerabilidades e conflitos que podem agravar o sofrimento psíquico, especialmente em um contexto social que impõe pressões e expectativas cada vez mais intensas. De acordo com Levisky (2013) é notório que adolescentes estejam à mercê da identificação projetiva enquanto defesa, pois “são, pelo menos em parte, conseqüentes às inseguranças

emergentes no ego, frutos dos processos de perdas (lutos) pelos quais os jovens estão passando” (Levisky, 2013, p.111). Calligaris (2000) complementa que “o adolescente vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz” (*Ibidem*, p.18).

A adolescência é um período de transição marcado por profundas transformações físicas, emocionais e sociais, nas quais o jovem busca construir sua identidade e encontrar seu lugar no mundo. Essas mudanças influenciam a forma como o adolescente percebe a si mesmo e ao mundo ao seu redor, tornando-o mais vulnerável aos desafios emocionais. Entre esses desafios, a ideação suicida tem se destacado cada vez mais, devido ao aumento significativo dos índices de suicídio nessa faixa etária nos últimos anos. Dados de estudos recentes apresentados por Kuczynski (2014) apontam que cerca de 730 crianças e adolescentes morrem por suicídio anualmente no Brasil, o que evidencia a necessidade de aprofundamento teórico e aprimoramento das práticas clínicas voltadas para esse fenômeno.

A adolescência demanda estratégias de intervenção específicas, diferenciadas das utilizadas em outras faixas etárias, dada a complexidade desse período de desenvolvimento. Além do sofrimento psíquico individual, Kuczynski (2014) considera a importância de agregar o fenômeno do suicídio a fatores sociais e culturais na formação das experiências dos jovens porque o contexto em que os jovens vivem — incluindo suas relações familiares, escolares e sociais — desempenha um papel crucial na determinação de sua saúde mental e bem-estar emocional.

Nesse sentido, a psicanálise e a fenomenologia oferecem contribuições complementares e valiosas para essa compreensão. A psicanálise, com sua ênfase nos conflitos inconscientes, permite explorar as raízes do sofrimento psíquico que leva à ideação suicida. Já a fenomenologia, que valoriza a experiência subjetiva e a vivência do indivíduo, possibilita compreender como esse sofrimento se manifesta e se torna significativo para o adolescente.

A psicanálise, por sua vez, oferece uma compreensão profunda do sofrimento psíquico que pode levar ao suicídio. Para Freud (1915), o suicídio está relacionado a um conflito interno entre as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Thanatos). Na adolescência, esse conflito é intensificado pela busca de identidade

e pela dificuldade de lidar com as perdas simbólicas inerentes ao processo de crescimento. Klein (1940) complementa essa visão ao discutir o papel da depressão na adolescência, entendida como uma reação à perda do objeto idealizado da infância. A psicanálise, portanto, enfatiza a importância de uma escuta atenta e empática, capaz de acolher o sofrimento do adolescente sem julgamentos ou interpretações precipitadas.

Já a fenomenologia, sob a perspectiva de autores como Feijoo (2019), propõe uma abordagem que valoriza a experiência subjetiva do indivíduo. Para a fenomenologia, o suicídio não pode ser reduzido a categorias diagnósticas ou explicações causais; ele deve ser compreendido a partir da vivência única de cada sujeito. Na adolescência, essa vivência é marcada por uma sensação de desamparo e desespero, muitas vezes associada à dificuldade de encontrar um sentido para a existência. A fenomenologia sugere que o manejo clínico do suicídio deve priorizar a escuta e o acolhimento, criando um espaço seguro para que o adolescente possa expressar suas angústias e reconstruir seu projeto de vida.

A maneira como o suicídio foi abordado historicamente influencia diretamente a forma como os adolescentes lidam com seus sentimentos e buscam ajuda. Frequentemente foi retratado socialmente como um tabu, associado a determinadas crenças religiosas que o consideravam um pecado. Tal estigmatização dificulta a discussão do tema, tanto no contexto social quanto no clínico.

A análise do manejo clínico do suicídio na adolescência também revela desafios enfrentados pelos profissionais da Psicologia. A dificuldade de falar sobre o tema, tanto por parte dos pacientes quanto dos psicólogos, pode comprometer o processo terapêutico. Portanto, há a necessidade de intervenções que articulem diferentes perspectivas teóricas e contemplem a complexidade que o fenômeno exige, de formação contínua dos profissionais.

Diante disso, este estudo discutiu as estratégias clínicas utilizadas no atendimento a adolescentes com ideação suicida dentro das abordagens psicanalítica e fenomenológica. Foram exploradas as ferramentas teóricas empregadas nesses atendimentos, as dificuldades e limitações encontradas na prática clínica, bem como, a percepção dos profissionais sobre o tema, os desafios enfrentados no manejo da ideação suicida e os impactos emocionais decorrentes desse trabalho.

### 3.1 Suicídio: contextualizando o fenômeno

No decorrer da história, o suicídio e a ideação suicida se configuraram como fenômenos presentes na vida dos sujeitos que, assim como diversos conceitos compartilhados socialmente, sofreram impactos diante das transformações sociopolíticas e econômicas em seu modo de compreensão e manejo.

Segundo Feijoo (2019, p.161), no Antigo Testamento, entre 1750 a.C. e 539 a.C., a desistência da vida era vista de maneira estrita e neutra, representando um ato de coragem no contexto hebraico. No período citado, o ato de pôr fim à própria vida ainda não era reconhecido pelo termo “suicídio”, mas era praticado tal como se conhece hoje, porém com outras justificativas. Os indivíduos consideravam que a morte era possibilidade palpável de livramento de dores e dificuldades de suas vidas e estariam mais próximos do Sagrado (Deus/Deuses). Sendo assim, a escolha de pôr fim à vida não era considerada uma atitude trágica, mas, fenomenologicamente falando, um ato de dar outro sentido para suas existências. No entanto, o desequilíbrio econômico, ocasionado pela alta ocorrência de suicídios, levou à estigmatização do suicídio através de uma lei do Império Romano, que teve como objetivo a proibição do ato de pôr fim à própria vida, justificando ser uma atitude falha contra a natureza e contra Deus, tornando, a partir daí, o discurso sobre o suicídio um debate moral.

A ideia de que a morte conduzia o homem ao reino dos céus induzia os camponeses que levavam uma vida de trabalho árduo a dar fim à vida para alcançar, assim, um mundo melhor. Essa forma de pensar e agir tem reflexos imediatos na economia da época, diminuindo, significativamente, a força de trabalho (Feijoo, 2019, p. 162).

Feijoo (2019) também afirma que no contexto religioso, o suicídio era comumente visto como um ato heróico e de grande temência a Deus, quando vemos em Filipenses 1, na Bíblia Sagrada, o apóstolo Paulo teorizando sobre os benefícios de pôr fim a sua vida: “Porque para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro!”; em Filipenses 22 ele continua: “Caso continue vivendo no corpo, certamente apreciarei o fruto do meu labor, mas já não sei o que escolher”. E em Filipenses 23, ele conclui: “Sinto-me conclamado pelos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é infinitamente melhor”. No entanto, essa tendência foi reprimida pelo cristianismo, quando diante do aumento dos suicídios que, motivados pela fé e pelo temor a

Deus, estavam impactando a economia, Santo Agostinho declarou o suicídio um pecado, entre 354 e 430, ao afirmar que:

Com a interdição, a morte voluntária passa a se constituir como pecado. Segundo a Doutrina da Igreja, ninguém tem mais o direito de acabar com a própria vida para alcançar uma vida melhor. Ao contrário, aquele que se matar não irá para o reino de Deus, irá para o inferno (Feijoo, 2019, p. 162).

Atualmente, a relação entre os temas “religião” e “suicídio” ainda é permeada por diversos paradigmas, os quais devem ser considerados na compreensão e no manejo desse fenômeno, pois a espiritualidade e a religiosidade continuam a exercer uma influência significativa sobre as tentativas de suicídio. Em um estudo conduzido por Andrade *et al.* (2020), foram analisadas as evidências da relação entre o contexto religioso/espiritual e o comportamento suicida. Entre as diversas descobertas, destacou-se que a crença na vida após a morte está fortemente associada a uma maior incidência de tentativas de suicídio.

Ter crença religiosa foi significativamente relacionada ao risco suicídio pela matriz de coeficiente de correlação de Pearson. Portanto, ser religioso estava associado a aumento do risco de suicídio, uma vez que ao acreditarem na vida após a morte, o suicídio seria um meio de acelerar essa conquista (p. 7).

Por se tratar de um tema que, na contemporaneidade, frequentemente é abordado sob uma perspectiva moral, o ato de pôr fim à própria vida é comumente tratado como algo que deve ser prevenido e evitado a todo custo. Esse enfoque leva profissionais e teóricos a recorrerem a abordagens tecnicistas, muitas vezes pautadas em protocolos padronizados, que buscam aplicar um mesmo método a diferentes casos. No entanto, essa padronização pode resultar no distanciamento tanto do sujeito quanto do fenômeno em sua complexidade, comprometendo uma compreensão mais ampla e favorecendo a atribuição de responsabilidade individual, frequentemente associada à noção de culpa.

A ciência se esquece do caráter de mistério que toda a vida em seus caracteres existenciais comporta. Por isso o fenômeno do suicídio sustenta uma incontornabilidade e, quando tentamos dar-lhe contornos, o fenômeno se retrai e, então, não podemos mais ver o modo de acontecer do fenômeno de dar fim à vida (Feijoo, 2019, p. 163).

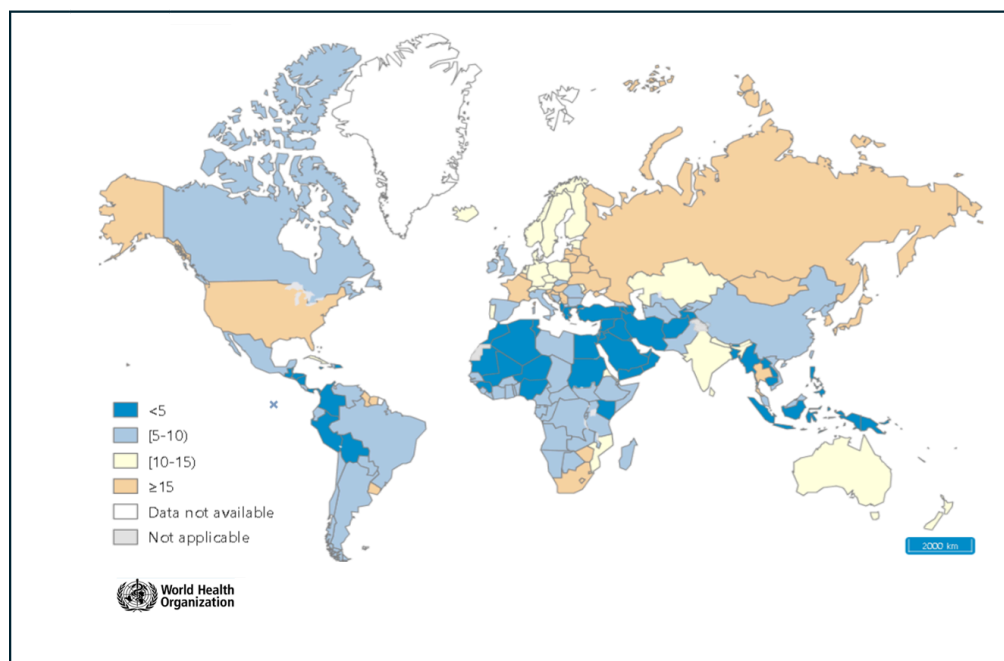
De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021)<sup>2</sup>, aproximadamente 800 mil pessoas morrem por suicídio anualmente o que

---

<sup>2</sup> Traduzido do inglês World Health Organization (WHO).

corresponde a uma morte a cada 40 segundos e representa 1,4% do total de óbitos no mundo. O suicídio ocorre ao longo da vida, é a terceira principal causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. A taxa global de mortalidade por suicídio é de 9 a cada 100 mil habitantes, sendo 14 a cada 100 mil entre homens e 5 a cada 100 mil entre mulheres. A figura a seguir mostra o mapa global com taxas de mortalidade por suicídio no mundo:

Figura 2 - Mapa com taxas de suicídio por (100.000 habitantes)

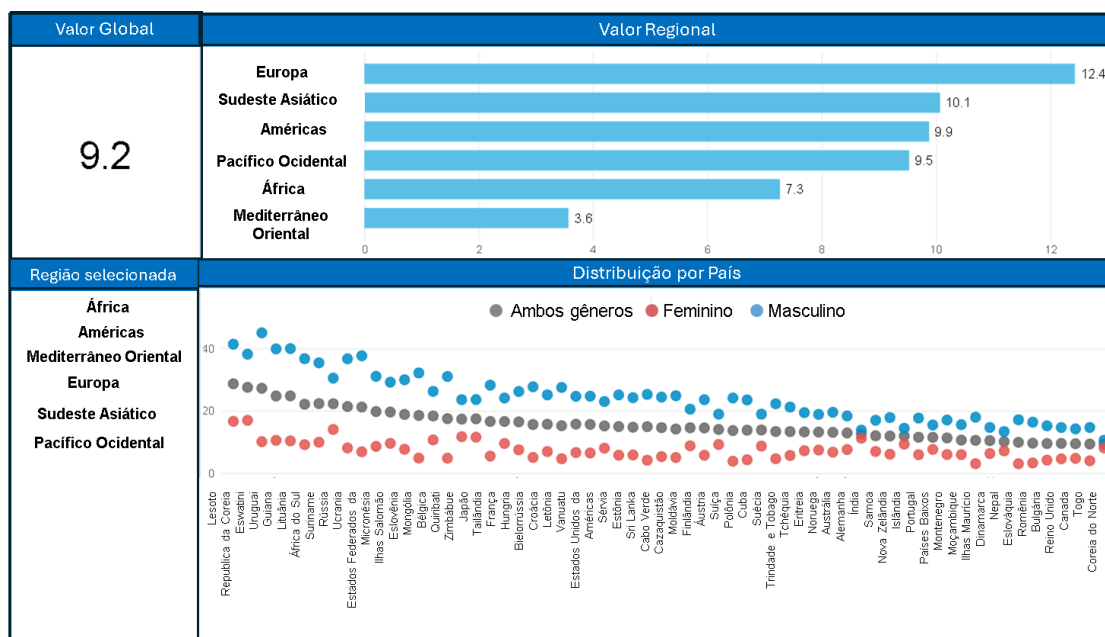


Fonte: WHO (World Health Organization), 2021.

Segundo a OMS<sup>3</sup> (2021) O suicídio não ocorre apenas em países de alta renda, mas é um fenômeno global em todas as regiões do mundo. Quase três quartos (73%) dos suicídios globais ocorreram em países de baixa e média renda, em 2021.

<sup>3</sup> Traduzido do inglês World Health Organization (WHO).

Figura 3 - Taxa global de suicídio por gênero, região e os países com maiores índices (a cada 100.000 habitantes)

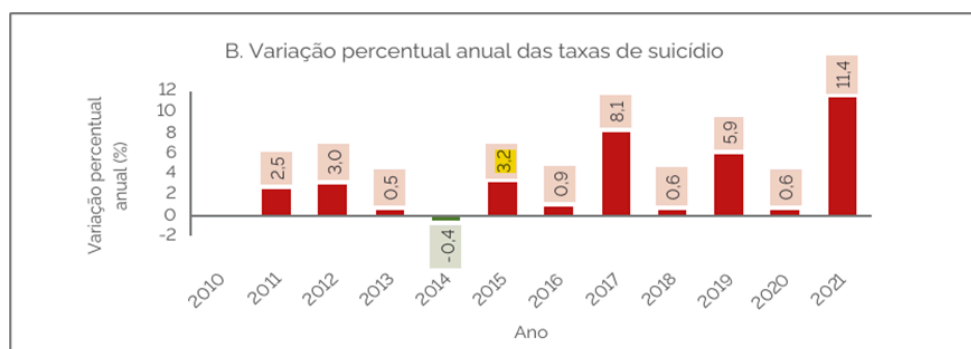


Fonte: WHO (World Health Organization), 2021.

O Brasil ocupa a posição 92ª entre os 193 países membros da OMS<sup>4</sup> (2021), que mais cometem suicídio por 100 mil habitantes. Embora o Brasil não esteja entre os países com maiores taxas de suicídios por habitantes, como se trata de um país populoso, está entre os dez países com maiores números absolutos de suicídio. Vale mencionar que muitos dos Estados-Membros da OMS não apresentam dados de registro de alta qualidade (*Ibid.*)

Segundo o Ministério da Saúde (2024), o Brasil teve no ano de 2021 um total de 15.507 suicídios, um aumento anual de 11,4% de óbitos por esta causa.

Figura 4 - Taxas de mortalidade por suicídio segundo variação percentual anual.

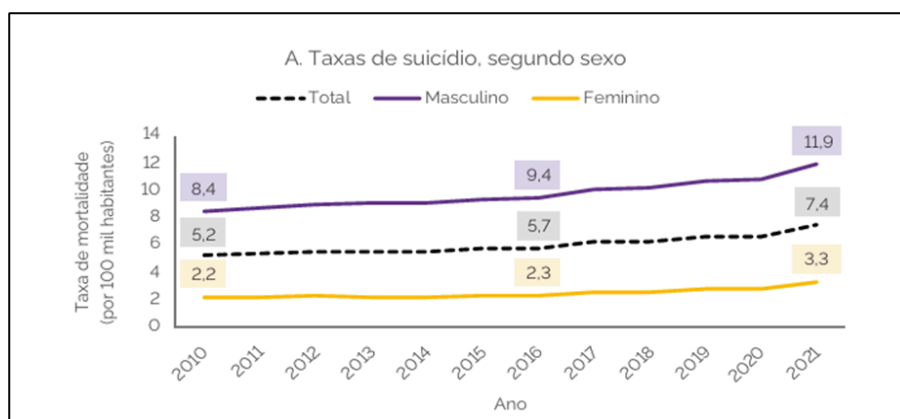


Fonte: Ministério da Saúde - Boletim Epidemiológico (2021)

<sup>4</sup> Traduzido do inglês World Health Organization (WHO).

Ainda de acordo com o Ministério da Saúde (2024), o Brasil encontra-se no grupo de países com taxas baixas de suicídio, embora apresente uma leve tendência ao crescimento. Em 2021 (ministério da Saúde) a taxa de mortalidade por suicídio foi de 7 a cada 100 mil habitantes, sendo 12 a cada 100 mil entre homens e 3 a cada 100 mil entre mulheres.

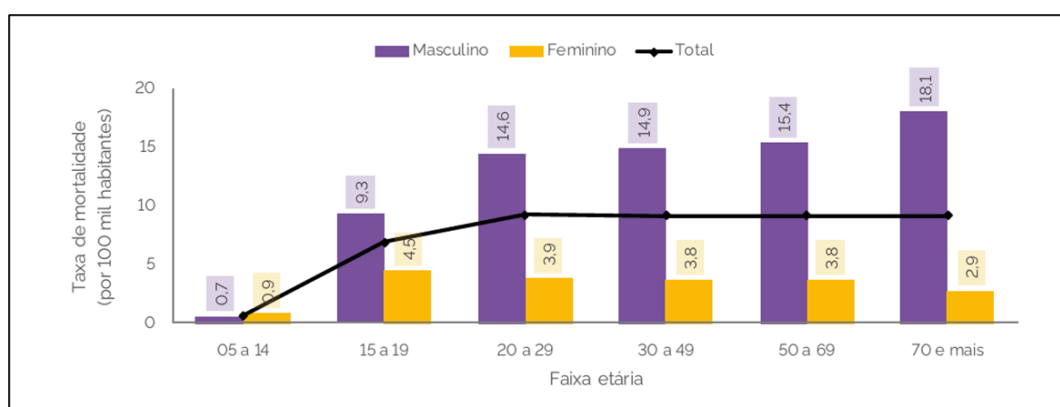
Figura 5 - Taxas anual de mortalidade por suicídio segundo gênero, no Brasil.



**Fonte:** Ministério da Saúde - Boletim Epidemiológico (2021).

Nos homens, as taxas de suicídio aumentam progressivamente com a idade, atingindo seu pico em idosos acima de 70 anos (18,1 óbitos por 100 mil). Por sua vez, nas mulheres o risco é mais elevado entre as adolescentes de 15 a 19 anos (4,5 óbitos por 100 mil), seguido de uma estabilização e declínio das taxas à medida que avançam em idade (Ministério da Saúde, 2021).

Figura 6 - Taxas de mortalidade por suicídio, segundo gênero e faixa etária



**Fonte:** Ministério da Saúde - Boletim Epidemiológico (2021).

Entre os jovens de 15 a 29 anos essa taxa é de 6 a cada 100 mil habitantes, sendo 12 a cada 100 mil entre homens e 4 a cada 100 mil entre mulheres (*ibid*).

Tabela 2 - Número e proporções de suicídios em relação ao total de óbitos, segundo o gênero e faixa etária

	Masculino		Feminino		Total	
	Número	Mortalidade proporcional <sup>1</sup>	Número	Mortalidade proporcional <sup>1</sup>	Número	Mortalidade proporcional <sup>1</sup>
<b>Total</b>	<b>12.072</b>	<b>1,21</b>	<b>3.431</b>	<b>0,43</b>	<b>15.507</b>	<b>0,86</b>
<b>Faixa etária</b>						
05 a 14	101	2,70	123	4,35	224	3,41
15 a 19	733	6,09	342	9,65	1.075	6,90
20 a 29	2.495	5,71	667	5,07	3.162	5,56
30 a 49	4.664	3,12	1.230	1,55	5.894	2,57
50 a 69	2.995	0,85	832	0,35	3.827	0,65
70 e mais	1.061	0,25	234	0,05	1.325	0,14
Ignorado	23		3		30	

**Fonte:** Ministério da Saúde - Boletim Epidemiológico (2021).

De acordo com o Ministério da Saúde (2024), as maiores proporções de suicídios em relação ao total de óbitos são observadas entre adolescentes e jovens adultos (6,9% e 5,6%).

Ao analisar as taxas de suicídio de acordo com a idade, observa-se um aumento do risco ao longo da adolescência, especialmente no público feminino. Esses dados demonstram a importância de estudos acerca da temática do suicídio nesse público.

Dutra (2011), a partir de uma ótica fenomenológica-existencial, ao entrevistar adolescentes que tentaram suicídio, observou que os indivíduos que atentam contra a própria vida costumam atribuir significados aos seus atos, identificando razões conscientes que justificam suas tentativas. Esse aspecto sugere que, embora permeadas por intenso sofrimento, tais ações não são destituídas de sentido para aqueles que as vivenciam. Nesse sentido, a possibilidade de compreensão desses motivos, a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial, revela-se fundamental para a abordagem clínica e teórica do fenômeno suicida, permitindo um olhar mais aprofundado sobre a experiência subjetiva dos indivíduos e seus contextos sociais e emocionais.

Nessas falas, os motivos alegados sempre se localizam na figura de um outro, representado pela família, namorado, marido e situações desfavoráveis de vida, enfim, pelos outros entes do mundo, trazendo à tona o caráter de mundanidade do *Dasein*. Podemos perceber a presença da cotidianidade na qual esses jovens estão mergulhados, na ruína e decadência, pela absorção de um outro que não é o seu ser, revelando-se como um modo-de-ser na impessoalidade cotidiana (Dutra, 2011, p. 153).

Pereira e Rosal (2020, p. 26), utilizando da abordagem psicanalítica como condutora de suas reflexões, identificaram que alguns pacientes com ideação suicida haviam vivenciado experiências de vida extremamente adversas. Entre os fatores recorrentes, destacaram-se perdas significativas, vivências de violência física e verbal na infância, ausência de afetividade e crescimento em famílias disfuncionais, marcadas pela carência de *holding*. Essas evidências ressaltam a influência do contexto social como um fator preponderante na ideação suicida, enfatizando a necessidade de compreender as dinâmicas sociais e relacionais que envolvem esses indivíduos. Uma conclusão relevante do estudo é que os pacientes que chegam à terapia com ideação suicida ainda carregam um desejo de viver, buscando no terapeuta um auxílio. Isso indica, em termos psicanalíticos, a coexistência da pulsão de vida e da pulsão de morte, tornando a ambivalência uma característica central dos pacientes que vivem com essa condição.

A tratativa da ideação suicida na contemporaneidade recai sobre profissionais da saúde mental, entre eles, psicólogos, que enfrentam desafios diante de um manejo clínico que, por vezes, pode tender a responder à expectativas sociais. Tanto a perspectiva da fenomenologia-hermenêutica quanto a ótica da psicanálise discutem o papel da psicologia diante do cenário exposto e defendem uma prática crítica que consiga analisar, de modo amplo, as influências dos estigmas sociais, e propõem um manejo que respeite o caráter uno do sujeito. Sobre isso, Dutra (2011), em uma perspectiva fenomenológica, reforça que não é possível traçar um perfil do suicídio ou uma definição única do que faz uma pessoa ter ideias suicidas, pois essas questões se constroem ao longo da vida do sujeito. Logo,

O motivo ou motivos que levam alguém ao suicídio formam-se ao longo da sua história e se revelam nos sentidos e modos de ser que constituem a sua existência. Por isso esse fenômeno não escolhe idade, classe social, gênero ou nacionalidade. Em nosso entendimento, o suicídio significa, antes de tudo, sofrimento e desespero; ou, como disse Camus (1952), consiste mais numa questão filosófica, uma vez que interroga sobre o sentido da vida (Dutra, 2011, p. 153).

Os desafios inerentes à prática psicológica no enfrentamento do fenômeno do suicídio representam, assim, um dos dilemas mais complexos da profissão até os dias atuais. Isso se deve, em grande parte, ao atravessamento de questões morais e à dificuldade de estabelecer um método de trabalho diante do tabu que envolve a morte.

A abordagem psicológica do suicídio, mais do que nunca, deve considerar as particularidades do sofrimento de cada indivíduo. A psicanálise e a fenomenologia oferecem concepções distintas sobre o fenômeno, mas que se conectam ao ponto em que contribuem para a compreensão de seus determinantes subjetivos e existenciais. Além disso, o manejo do suicídio envolve o uso de ferramentas contemporâneas e práticas clínicas adotadas por profissionais da psicologia, que visam tanto a análise crítica do fenômeno quanto a promoção de uma intervenção humanizada e ética.

### **3.2 Compreensão psicanalítica e fenomenológica do suicídio**

O suicídio desafia explicações simplistas. Mais do que um ato isolado, ele emerge como um fenômeno complexo, imerso em sofrimento psíquico, conflitos existenciais e contextos sociais. Neste capítulo, adentramos duas perspectivas fundamentais para sua compreensão: a psicanálise, que ilumina os abismos inconscientes e as pulsões em jogo, e a fenomenologia, que aborda a experiência vivida em sua crueza e singularidade. Enquanto Freud (1915) nos fala de Thanatos e da luta entre vida e morte, Heidegger (2006) nos convida a refletir sobre o "ser-para-a-morte" e a angústia da finitude. Essas abordagens não apenas desvendam as camadas do desejo de não mais existir, mas também apontam caminhos para uma prática clínica que acolhe, sem julgamentos e técnicas prontas, considerando o ser em sua totalidade e subjetividade.

#### **3.2.1 A perspectiva psicanalítica e o manejo sobre a ideação suicida em adolescentes**

Para além da ideação suicida, a Psicanálise compreende o sujeito em sua subjetividade, considerando sua fase de vida. Portanto, sua história e seu contexto social são fundamentais para que o indivíduo seja entendido como *uno* e o tema possa ser discutido junto à comunidade científica. Dessa forma, apresenta-se a perspectiva de diversos autores da Psicanálise, como meio de fomentar essa compreensão e abrir discussão deste tema, que é tão relevante na sociedade contemporânea.

Sobre a compreensão do tema, Vannucchi (2019) ressaltou que o comportamento suicida é uma forma de manifestação da vontade de ser amado e reconhecido. O desejo, até mesmo de viver uma vida diferente da atual ou deixar de

ter contato com uma parte maligna que nos habita. Ainda reforçou que o tema é complexo e pouco conhecido. Já sobre o contexto do manejo clínico, a autora lembrou que é necessário avaliar os riscos desse paciente, oferecendo atenção ao seu sofrimento, sem abandoná-lo. Nesse cenário, é preciso considerar, também, a relação conflitiva com o novo e o luto da infância desse adolescente.

A relação conflitiva com o novo, o luto da infância e a desidealização dos pais impõem esse sofrimento, envolvendo uma aguda percepção da realidade, dos pais e da sociedade. Ao lado da erotização do corpo e do mundo, temos as vivências ligadas à incapacidade de amar e ao recrudescimento do narcisismo, necessário para reconstruir o ego, combatido pela perda dos aspectos infantis. O aspecto psicótico está creditado também à violência das pulsões que emergem, tanto de amor como de ódio, diante das quais o ego se vê vulnerável, demandando um urgente trabalho do negativo para poder construir o pensamento (Vannucchi, 2019, p. 147).

Vannucchi (2019) lembrou que essa fase é cercada de conflitos e ambivalências, por conta da redução das fantasias da infância e necessidade de desidealização. Assim, é muito importante que a pulsão de morte encontre seu lugar no mundo e reduza os impactos do ego fragilizado, característico dessa etapa da vida.

Sobre a clínica, Vannucchi (2019) relatou que o psicanalista deve iluminar a forma da mente desse adolescente funcionar e notar sinais por onde a “tragédia do viver” aparece, não sendo sua função se indignar com o conteúdo de entretenimento sensacionalista para adolescentes, mas sim, apoiar esse indivíduo que está em busca de encontrar seus genuínos sentimentos e crenças negadas. Ainda, a autora enfatizou que tudo deve ser trabalhado de forma muito sincera, uma vez que esse público é muito atento a mentiras e falsificações, por conta do próprio processo necessário de desidealização e construção identitária dessa fase.

Gurski *et al.* (2020), por sua vez, revelou que a adolescência é a fase em que o indivíduo precisa lidar com a desilusão sobre a inexistência da verdade absoluta, antes vinda do mundo dos adultos, ou seja, passar pelo Édipo, para então ser capaz de dizer-se em nome próprio e se responsabilizar pela sua própria versão de si mesmo. A formação do indivíduo adolescente é impactada, também, pelas influências éticas e políticas vivenciadas em sua história, trazendo a visão coletiva para o singular do sujeito (Gurski *et al.* , 2020). Assim, as autoras concluíram que o adoecimento do adolescente na vida contemporânea não é só do sujeito, mas do

laço social, pois apesar do desejo de viver da juventude há o desejo de morrer no discurso social.

Não podemos permitir a banalização de violências que parecem *menores*, porque sabemos que a naturalização destes processos pode acabar resultando na desumanização de alguns sujeitos ou grupos. Nesse sentido, por exemplo, o racismo estrutural que atravessa a sociedade, a intolerância com as diferentes orientações sexuais, a homofobia, a transfobia, a banalização da violência contra a mulher, a falta de proteção à infância e juventude e os diferentes tipos de exclusão social que parte da população brasileira está submetida, precisam ser cotidianamente trabalhados e combatidos, de modo que a escola e os atores da comunidade escolar tenham a possibilidade de acolher e identificar as manifestações de sofrimento psíquico de crianças e adolescentes (Gurski *et al.*, p. 371).

Em outra perspectiva, Bichuetti (2018) considerou que as queixas do adolescente, normalmente, se relacionam com a necessidade de reavaliar as tarefas do amadurecimento desta fase, e menciona que grupos que enfrentam maiores desafios nesta tarefa, em fases anteriores, podem encontrar dificuldades também nessa nova fase da adolescência, manifestando fragilidade psíquica e emocional ao lidar com a vida. Bichuetti (2018) reforçou, assim, que a partir da clínica winnicottiana, através de um *setting* psicanalítico, um ambiente suficientemente bom, a adequação dos tratamentos à necessidade do paciente e o acompanhamento com os pais e a escola, podem tornar o amadurecimento possível novamente para esse indivíduo que ainda não conquistou o *self*. Conclui-se, portanto, que o ambiente acolhedor pode gerar uma regressão aos momentos onde houve falha ambiental com esse adolescente, durante os estágios iniciais da dependência. Assim, a provisão ambiental não ocorrida nos estágios anteriores encontrará nova oportunidade para se realizar, e retomar o amadurecimento do indivíduo e a possibilidade de viver de forma autônoma.

Por outro lado, sob a ótica Lacaniana, para Oliveira (2015) a adolescência é um conjunto de sintomas deliberados, como resposta do sujeito a algumas falhas no sentido das pulsões, ou seja, as fantasias e as identificações não são mais suficientes para dar forma a essas pulsões. Oliveira (2015) também invoca o “Outro” de Lacan, enfatizando que o fracasso desse “Outro” pode gerar respostas sintomáticas graves no indivíduo.

Como esses arranjos só podem ser construídos a partir de alguma assimilação do mundo externo (palavras, imagens, símbolos, leis, etc.), podemos dizer que o que falha é do Outro, já que o Outro (com O maiúsculo) representa na teoria lacaniana tudo que se apresenta a nós

como uma alteridade, inclusive a linguagem que usamos para traduzir nosso mundo pulsional, por natureza, sem nenhum sentido (Oliveira, 2025, p. 87).

Assim, segundo Oliveira (2015), diante desse fracasso do Outro, que nunca atingirá as expectativas desse adolescente, justamente por não ser nomeado e nem tangível, muitos púberes se alienam ainda mais pelo Outro, como forma de negar o real com o qual necessita lidar. Ainda explicou que, essa alienação pode se manifestar de algumas formas, por exemplo, através de estudos intensos, na tentativa de recuperar a garantia do saber de sua infância ou através do cumprimento de todas exigências do mundo externo, do Outro. No entanto, para Oliveira (2015), a situação se agrava quando o adolescente se encontra diante da realidade de ver os pais como pessoas que não sabem de tudo, do fracasso da fantasia, e da sociedade e da cultura que o cerca, podendo então escolher um afastamento absoluto do Outro, através de uma distância radical, que por sua vez, pode gerar ideias suicidas. Logo, conclui-se que os conceitos podem ser sumarizados em uma equação de alerta: A maior distância do Outro é igual a maior proximidade da sua pulsão de morte. Dessa forma, apoiar esse adolescente na elaboração do real é a chave para o desenvolvimento do sujeito.

Considerando a importância dos vínculos parentais levados em conta na Psicanálise, Nunes *et al.* (2017), analisou o papel da vinculação aos pais e das competências sociais no desenvolvimento de ideiação suicida. Partindo de um estudo quantitativo, que teve como amostra 604 indivíduos, entre 15 e 18 anos, dos quais 274 (45,4%) homens e 330 (54,6%) mulheres, constatou-se que a confiança de que a relação do adolescente com seu pai vai perpetuar no tempo, a facilidade com que ele que faz amigos e a interferência em excesso da mãe nos assuntos que tem a ver somente com o adolescente, podem ter impacto na ideiação suicida de forma negativa. Inversamente, laços emocionais, fazer amigos com facilidade, dizer coisas agradáveis quando entende que o outro fez algo bom e ignorar quando os outros o insultam, reduz as chances de ideiação suicida.

Diante da complexidade do tema, a clínica Psicanalítica é consistente em abordar o acolhimento a este paciente como forma de seguimento. Segundo Noleto e Fortes (2022) é possível compreender a tentativa de suicídio como expressão de uma dor extrema, que se tornou insustentável. Em seu estudo enfatizam a importância de escutar e acolher o paciente diante de sua dor, quando esta se torna

insuportável, tendo em vista que o suicídio pode ser uma saída para aplacar o sofrimento. Também reforçaram que um tratamento que possibilite e sustente uma escuta singular pode contribuir para o reconhecimento da dor e viabilizar, aos poucos, a construção de outras saídas mais vitais para lidar com ela.

Noletto e Fortes (2022) ainda defenderam que a dor do sujeito, é um terreno árido, que pode indicar um excesso de intensidades, a qual desconhecemos, podendo causar situações limite de transbordamento pulsional. Assim, o trauma, para a psicanálise, não é determinado pelo evento em si, mas pela forma como o sujeito reage a ele. Logo, a capacidade de atribuir sentido às experiências, por meio da linguagem, é fundamental para proteger o psiquismo, tornando a escuta terapêutica capaz de interromper as repetições do trauma e as ações autodestrutivas, evitando o suicídio como uma forma de "estancar" a dor. Noletto e Fortes (2022) reforçaram assim, a importância da qualidade do cuidado, principalmente no início da vida do indivíduo, o encontro afetivo pode produzir efeitos no sentimento, que pode ser nutrido pela vida.

Nas experiências traumáticas, o mecanismo de defesa que entra em ação pode ser a clivagem, marcada por uma dificuldade, no que diz respeito ao acesso aos conteúdos traumáticos. Na clivagem, ocorre uma cisão, uma separação intensa do material e, assim, o uso da associação livre não é suficiente para que o paciente possa fazer conexões e ligações internas. Nesse sentido, a clivagem é diferente do recalque, que é um mecanismo de defesa de um ego mais maduro e formado. O recalque dá notícias do material inconsciente, uma vez que ele retorna, perturba e escapa (*Ibid*, 2022, p.17).

Flechner (2019) trouxe outra abordagem ao tema. Demonstrou que a relação mãe-bebê e o abandono materno podem ser vistos como um dos fatores que contribuem para comportamentos suicidas, assim como para a depressão, embora pacientes que não experienciaram essas situações também possam apresentar comportamentos suicidas.

Segundo a autora, na clínica psicanalítica com adolescente, ao mexer nas bases da problemática narcisista e objetal, é proporcionado ao adolescente a oportunidade de reescrever sua história psíquica, permitindo novas possibilidades de transformação e ressignificação. O analista deve explorar as áreas mais frágeis do paciente, como as tendências suicidas, ajudando-o a entender esse comportamento. O estudo traz os desafios da transferência e contratransferência, onde o analista deve aprender a lidar com projeções hostis e angústia de morte, enquanto ajuda o

paciente a compreender-se e, para isso, precisará lidar com sua própria perspectiva de morte (*Ibid*, 2019).

Adicionalmente aos aspectos trazidos pelos autores citados, Pereira e Rosal (2020) mostraram que a ideação suicida ainda está no campo das ideias, pensamentos e fantasia e, dependendo de como se der a relação do indivíduo com as pressões do seu superego e a vazão das suas pulsões de morte e compulsão à repetição, a dor psíquica pode ficar insustentável, e essa angústia profunda pode levar o paciente à esta ideação ou até a realização do fato. Essa ideação não é a causa do sofrimento psíquico, mas consequência da angústia intensa vivida pelo indivíduo.

Quanto ao manejo desses pacientes, Pereira e Rosal (2020), constataram que não existe um tipo de manejo específico, pois cada paciente é único e o acolhimento é a principal medida através da escuta ativa, principalmente no início do processo, independente da estrutura psíquica desse paciente. Esse manejo, no entanto, muda para pacientes melancólicos, que necessitam de atenção e acompanhamento com o psiquiatra na maior parte dos casos. No geral, por conta da visão individual de cada paciente, as propostas de manejo a serem empregadas são heterogêneas. Daí a importância da criação de vínculo e do processo de transferência no *setting* terapêutico psicanalítico, pois a fala é o principal mecanismo de troca e cura nesta abordagem terapêutica. É através da fala que o paciente pode se dar conta das origens de seu sofrimento psíquico e encontrar outras possibilidades de escape para o mesmo. É fundamental, também, a atenção do analista aos próprios sentimentos e ao risco de contratransferência, deixando de lado seus preconceitos e julgamentos a partir do tema, afinal, o analista não é um ser onipotente e não deve se sentir responsável por manter a vida do paciente a partir do seu desejo.

Parte importante da conclusão do estudo é que o paciente que chega à terapia com a ideação suicida, tem desejo de viver e busca ajuda do terapeuta para isso, ou seja, pulsão de vida é presente, assim como a pulsão de morte, caracterizando esse paciente como ambivalente. Uma rede de apoio fortalecida, com outros profissionais de saúde e familiares próximos são relevantes para apoio concreto deste paciente e auxiliam o analista. Os familiares podem atuar dando apoio emocional ao paciente e sendo parceiros do psicólogo no processo. A alta não é uma preocupação para os analistas, a ideia é que o processo contínuo para

ressignificação das experiências relacionadas a dor psíquica continuem sendo foco de atuação (Pereira e Rosal, 2020).

Corroborando a importância da cura pela fala, Ribeiro e Guerra (2020) consideraram importante refletir sobre a questão, ao perguntarem: É possível escutar os indícios do suicídio? Muitas vezes sim. Os jovens podem dar sinais ou dicas através de seus silêncios excessivos e de seus atos, que podem querer dizer alguma coisa. Principalmente aos profissionais de saúde, que recebem as demandas de comportamentos suicidas, é importante dar um bom lugar à palavra, levar a fala do sujeito “ao pé da letra”, e dilatar o tempo de compreensão do sujeito, para evitar, assim, a precipitação de um ato mais radical.

Oferecer lugar à palavra é também uma maneira do indivíduo sair da invisibilidade. É importante que o jovem possa, quando estiver preparado, sustentar os efeitos de responsabilização fundamentais para a ligação com a vida e com os laços sociais (Ribeiro e Guerra, 2020).

Considerando a perspectiva global dos autores apresentados, é possível observar que, o estudo da ideação suicida em adolescentes, a partir da abordagem psicanalítica, agrupa importantes bases do arcabouço teórico de Freud e seus seguidores, e tem como principal destaque a retomada do narcisismo, a violência da pulsão de morte nesta fase da vida, o impacto do trauma e a clivagem, o retorno do Édipo na adolescência e a formação do falso *Self*.

Sobre a retomada do narcisismo nesta etapa da vida, tem aspecto bastante intenso e, por consequência, gera a necessidade de reconstrução do ego, o que tem relação direta com a forma como a criança passou pelo processo de castração na fase edípica e impacta em como enxergará sua realidade na adolescência.

Com relação ao impacto da violência das pulsões na vida desses púberes, fica evidente a importância dessa pulsão de morte encontrar seu lugar no mundo, uma vez que as fantasias infantis do sujeito e as identificações não dão mais conta dessas pulsões. No que tange o impacto do trauma no indivíduo, há a possibilidade de deflagrar uma clivagem psíquica dificultando o acesso ao conteúdo inconsciente do adolescente e como consequência a ativação da compulsão à repetição e piora dos sintomas.

O tema do retorno do Édipo na adolescência ressalta, por sua vez, que a revivência do processo de castração e desilusão de sua onipotência e também a de

seus pais, através de um processo de desidealização desses genitores como proprietários absolutos do saber é chave para a compreensão das dores desse indivíduo na ideação suicida, ao mesmo tempo em que cabe a compreensão de que ele vive a “castração” de sua criança, ou seja, o luto de sua infância.

Por fim, a dificuldade no processo de amadurecimento desses adolescentes, a partir da teoria winnicottiana, pode tornar a vida desses jovens vazia e conduzida por um falso *self*, acarretando em sofrimento psíquico e risco de ideação suicida, principalmente se o adolescente teve dificuldade nas fases de amadurecimento anteriores.

### **3.2.2 A perspectiva fenomenológica e o manejo sobre a ideação suicida em adolescentes.**

A fenomenologia propõe uma abordagem centrada na subjetividade do indivíduo e se baseia na experiência de vida de cada um. Dessa forma, busca compreender os possíveis motivos da ideação suicida, considerando-a como um fenômeno existencial, por meio de um olhar humanizado e uma escuta ativa que considera o contexto histórico, social e cultural.

Feijoo (2019) observou que os psicólogos se mostram divididos em duas perspectivas antagônicas que foram historicamente construídas: o suicídio como uma responsabilidade social ou como uma decisão de caráter individual. Esses extremos podem levar a um posicionamento tecnicista, que limita o profissional e o impede de ter uma perspectiva existencial plena. Em contrapartida, a fenomenologia propõe um cuidado que permite ao sujeito refletir sobre sua existência subjetiva, sem reduzi-lo a patologias, considerando o caráter multideterminado e singular do fenômeno, o que possibilita uma melhor compreensão e, conseqüentemente, estratégias mais eficazes de prevenção:

Pensar o suicídio sob o ponto de vista existencial exige assumirmos uma postura fenomenológica, ou seja, que tomemos uma atitude antinatural de modo a nos aproximar do fenômeno sem partir de premissas acerca do suicídio como doença, patologia, sofrimento, desespero, controle (Feijoo, 2019, p.165).

O descompasso entre o “poder” e o “querer” é abordado tanto por Gomes e Constantinidis (2023), que identificaram uma relação entre casos de suicídio e fatores econômicos como o acesso a serviços e a posição socioeconômica, quanto

por Feijoo (2019), que a partir da perspectiva fenomenológica afirma que a frase de ordem do homem moderno é "poder é querer". Quando o indivíduo não alcança seus desejos, ele se sente insuficiente e frustrado, levando-o a perceber que não tem o controle ilimitado sobre sua própria vida, pois é atravessado por fatores externos, históricos e sociais que frustram suas expectativas.

Em diálogo com a ideia de Heidegger (2006), compreendeu-se que o ser humano já nasce no mundo envolvido com o ambiente, as pessoas e todo o contexto histórico de sua época. Em sua obra *Ser e Tempo* o autor utiliza a expressão "ser-no-mundo" para mostrar que não dá para separar "eu" e "mundo" como se fossem coisas distintas, pois são constituídos juntos, um não existe sem o outro. O sujeito se forma na relação com os outros e com seu entorno, e é a partir dessa convivência que constrói sua identidade e seu modo de ser.

Heidegger (2006, p. 183) afirmou que "o ser do que é próprio não repousa numa estada excepcional do sujeito que se separou do impessoal. Ele é uma modificação existenciária do impessoal como existencial constitutivo." Assim, entende-se que a apropriação de si não é um estado absoluto, mas um movimento possível a partir da própria vida cotidiana, mesmo com as influências e distrações do dia a dia.

O adolescente é inautêntico, tendo em vista que ainda se encontra em processo de constituição. Ele é retratado como "ainda-não-si-mesmo", portanto é comum que viva de forma imprópria, preso às expectativas externas, pois não possui vivências suficientes para sustentar escolhas mais autênticas. Essa dificuldade de encontrar seu lugar no mundo pode gerar um sentimento de inadequação existencial, na qual pode se desenvolver a ideação suicida.

A pesquisa de Dutra (2012) corroborou essa perspectiva ao analisar o aumento da taxa de suicídios entre estudantes universitários no Brasil. Seu estudo revela que "os estudantes de pré-vestibular são os que mais sofrem de estresse, seguidos do terceiro ano do ensino médio e dos alunos do primeiro ano do nível superior." (*Ibid.*, p. 928). Os adolescentes frequentemente enfrentam pressões escolares, profissionais e sociais intensas, que impactam diretamente sua saúde mental. Essa cobrança excessiva e a falta de autenticidade intensificam sentimentos de angústia e desamparo.

A transição para a vida universitária, a saída de casa e o enfrentamento de um ambiente acadêmico rigoroso, são fatores de risco que podem intensificar dificuldades psicológicas, levando à angústia e à depressão, além de outras questões como o estresse e uso abusivo de álcool. Dutra (2012) também destacou que mulheres apresentam maiores taxas de ideação suicida do que homens na adolescência. Esse dado está relacionado às construções de gênero na sociedade, que impõem expectativas diferentes sobre homens e mulheres, tornando a experiência feminina mais vulnerável ao sofrimento psicológico.

Para além dos motivos psicossociais e psiquiátricos, Dutra (2012) abordou a dimensão existencial como crucial para entender o suicídio. A partir da fenomenologia existencial de Heidegger, o ser humano é visto como *Dasein*, ou um "ser-aí", que existe em comunhão com o mundo e que se entende como uma possibilidade de ser-no-mundo. Foi analisado que muitas pessoas se vêm pressionadas por padrões que valorizam o desempenho, a aparência e a aquisição de bens materiais. Aqueles que não se encaixam nos padrões sociais impostos podem acabar se sentindo estressados, angustiados e entediados com a dinâmica da vida. Assim, a ideação suicida surge como uma resposta à impossibilidade de encontrar sentido em um mundo que parece vazio e desinteressante (*Ibid.*).

Essa concepção está alinhada ao pensamento de Feijoo (2019), em diálogo com Heidegger. Feijoo (*Ibid.*) apontou que vivemos em um mundo marcado pela desmedida, que valoriza a produtividade e onde nada é suficiente. As pessoas não entendem seus limites e buscam no outro o que fazer e como ser, pois não conseguem decidir por si próprias. Quando o mundo diz o que as pessoas devem fazer e quem devem ser, elas se afastam da liberdade e esquecem do "ser-si-mesmas", o que contribui para o sentimento de vazio existencial. A autora conclui que a sociedade rouba do homem a possibilidade de conquistar sua medida existencial.

Tendo em vista que o homem é um ser "lançado no mundo", ou seja, que nasce em um contexto que não escolheu, com diversos desafios, limites e possibilidades, a vivência dessa condição existencial pode ser um fardo difícil de carregar. Para Heidegger (2006) o homem idealiza o suicídio como uma recusa desse peso de continuar sendo, diante da dor de existir.

O autor observa que o ser humano está sempre se questionando inconscientemente sobre quem ele é e como está vivendo. Heidegger (2006) ainda acrescentou que o ser humano é possibilidade, ou seja, enquanto estiver vivo ele ainda não está completo, ainda não é tudo aquilo que pode ser, a vida é um vir a ser em constante construção. Essa percepção abre tanto espaço para crescimento quanto para dúvida, medo e angústia, principalmente em um adolescente que ainda tem pela frente uma vida cheia de decisões para tomar.

A morte é a única certeza do ser humano, além de ser algo que ninguém pode fazer por nós, ela é algo individual de cada um. Para Heidegger (*Ibid*) isso faz dela a possibilidade mais “própria” que temos, porque a morte revela a nossa finitude. Mas ela não é algo que nós vivemos de fato (porque quando ela acontece, a vida acaba). Podemos apenas antecipá-la, isso nos lembra que o tempo é limitado, e por isso precisamos assumir nossa vida com autenticidade, tendo sua tutela, fazendo o que queremos e não o que o mundo impõe.

Dutra (2011) ressaltou que a dificuldade em encarar a própria finitude faz com que muitos não apenas tenham medo da morte, mas também se sintam sobrecarregados pela responsabilidade de existir:

É difícil para o homem olhar de frente a sua finitude, porque ao fazê-lo, além de enfrentar a certeza da morte, toma consciência de que ninguém jamais poderá viver por ele, desvelando-se, assim, o seu poder-ser; portanto, é preciso se apropriar da vida e das suas escolhas. A possibilidade da morte revela a vida que se vive. E enfrentar a realidade da vida que se tem muitas vezes é tão frustrante, que em muitas pessoas prevalece a intolerância à dor, conduzindo-os, frequentemente, a escolher a morte e assim, escapar do sofrimento. O sofrimento de empunhar o seu si mesmo, de apropriar-se da sua existência assumindo todas as implicações que dela decorrem (p.154).

Diante desta perspectiva, o manejo da ideação suicida com base na fenomenologia de Heidegger busca auxiliar o indivíduo a se apropriar de sua existência e lidar com sua condição de "ser-para-a-morte". Isso significa que, ao encarar sua finitude, o adolescente tem a possibilidade de ser-si-próprio, se reconhecendo como um ser autêntico e responsável pela sua existência. Para isso, no contexto clínico é necessário fornecer cuidado e acolhimento para auxiliar o adolescente ao realizar um processo de elaboração das experiências vividas, possibilitando a compreensão de que sua dor não precisa ser negada ou eliminada, mas sim ressignificada e integrada à sua trajetória de vida.

No manejo fenomenológico são abordadas as relações interpessoais e sociais, que têm um impacto profundo no processo de elaboração das experiências vividas pelo adolescente, como ressaltado por Oliveira, Leite e Gaspar (2021):

Ao adentrar a estrutura da vivência descrita, compreendemos como a relação se revela fundamental para a constituição da subjetividade. Seja nos momentos de maior sofrimento, seja nas experiências de correspondência e realização, a relação com o outro emerge como ponto significativo a partir do qual a pessoa toma a si mesma e o mundo à sua volta (p. 27).

A maneira como essas relações são vivenciadas pode atuar tanto como fator de risco quanto de proteção. Os autores também enfatizam a importância da disponibilidade de ouvir e "cuidar com", de forma acolhedora e não estigmatizante. É um aspecto essencial para ajudar o indivíduo a encontrar novos significados para a vida, minimizando o estigma, promovendo um espaço de ressignificação autêntico e assim abrindo caminho para a superação e a elaboração de novos sentidos existenciais.

A psicopatologia fenomenológica propõe resgatar o conceito de *pathos* em sua totalidade, compreendendo-o como uma condição humana natural, em vez de reduzi-lo a um sentido estritamente patológico. No contexto da adolescência, essa redução é ainda mais evidente, visto que essa fase é frequentemente interpretada como um período universalmente problemático.

A fenomenologia não busca estabelecer relações de causalidade, tendo em vista que a ideação suicida não pode ser delimitada a determinações científicas, pois a ideia de pôr fim à vida surge a partir de ocasiões diversas que ocorrem dentro da subjetividade de ser-no-mundo de cada indivíduo. Desta forma “torna-se fundamental reconhecer que nenhuma teoria consegue conceber o ser humano de forma exaustiva, em toda a sua realidade” (Melo, Siebra e Moreira, 2017, p. 28).

Portanto, o manejo da ideação suicida exige do psicólogo um olhar empático e crítico, que reconheça a singularidade da experiência vivida pelo adolescente e proponha intervenções personalizadas que levem em conta a fase do desenvolvimento que ele se encontra e as diversas influências que modelam o seu existir.

A presença da ideação suicida, sem a consumação do ato, pode indicar uma ambivalência existencial, ou seja, o adolescente está indeciso. Portanto, o profissional deve ampliar os espaços de significação para ajudá-lo a reconhecer os

motivos que ele ainda tem para viver. Feijoo (2019) disse que “permanecemos juntos àquele que pensa em finalizar sua vida em uma escuta atenta, de modo a que o outro possa se demorar mais na sua (in)decisão” (p. 171).

Compreendemos que a pessoa não deseja de fato morrer, mas sim acabar com sua angústia, que se tornou insuportável, mesmo que isso lhe custe a vida, pois para ela, continuar a viver seria pior que a morte em si.

Nesse sentido, podemos entender que a ideação suicida muitas vezes surge quando a consciência está coberta por uma escuridão, a dor cega o adolescente, impedindo que ele enxergue outras possibilidades além da morte:

É fato, que sempre existem inúmeras alternativas, diante de situações de sofrimento, que possam estar incidindo sobre uma determinada vida. Ocorre que existe uma total obnubilação da consciência, que impede que sejam buscadas alternativas que não a própria morte (Angerami, 2017, p.35).

Essa reflexão possibilita a compreensão de que, quando o sofrimento domina o sujeito é difícil imaginar outras saídas. Dessa forma, cabe ao profissional fornecer um ambiente seguro, onde as alternativas possam surgir novamente, o poder e o querer possam coexistir de forma compassada. E para isso, é essencial que o profissional olhe para o cenário existencial inteiro, para compreender os motivos dentro da liberdade experimentada por cada indivíduo, para que assim reconheça a subjetividade do sujeito, seus contextos de vida, sem rótulos ou julgamentos.

Como Angerami (2017) ressaltou, “a caracterização do paciente pelas entidades nosológicas e a caracterização da personalidade em nada ajudam o terapeuta diante de uma condição real de sofrimento frente a uma existência encarquilhada pela dor” (p. 24).

Ao invés de interpretar a ideação como um sintoma a ser combatido, a fenomenologia propõe que ela seja entendida como uma expressão legítima de um sofrimento existencial que precisa ser acolhido e elaborado. Dessa forma, a função do psicólogo não é dizer ao adolescente como ele deve viver, mas construir com o sujeito novos caminhos possíveis, por mais que ele ainda não os veja, criando as condições para que ele se aproprie de sua vida.

Como destacou Rigo (2013), o primeiro passo é acolher o paciente, escutando sua dor com atenção e interesse, deixando ele falar tudo o que precisa, para somente depois, ajudá-lo a entender esse sofrimento, de forma que ele possa subjetiva-lo e encontrar outras maneiras de lidar com a dor, que não seja o ato

suicida. Nesse processo, como apontado por Feijoo (2012, p. 983), “o clínico acompanha aquele que sofre naquilo que ele tem a dizer e a lamentar, aguarda pacientemente que, frente à dor, outras possibilidades apareçam”. Trata-se de confiar na potência da escuta e da presença, e não na pressa por respostas ou intervenções.

Para Heidegger (2006), a autenticidade só pode surgir quando o sujeito se dispõe a confrontar sua existência, encarando sua finitude e assumindo a responsabilidade por suas escolhas. Ao fazer as pazes com a certeza da morte e decidir não sucumbir às expectativas sociais, o indivíduo pode viver sua autenticidade — pois aceitar a possibilidade da morte singulariza o ser-aí.

No manejo fenomenológico da ideação suicida sob a perspectiva heideggeriana, o psicólogo busca, portanto, compreender a existência do indivíduo focando no *cuidar-com* de forma que ele possa se tornar autêntico. Trata-se de acolher sua dor e possibilitar que, a partir da escuta e do vínculo, o adolescente possa se reencontrar consigo mesmo e se descobrir dentro de sua própria subjetividade.

### **3.3 O impacto das práticas clínicas utilizadas por psicólogos diante de adolescentes com ideação suicida.**

A ideação suicida entre adolescentes é uma questão complexa que envolve múltiplos fatores, como já descrito neste trabalho. Essa complexidade reflete, também, uma diversidade de práticas clínicas.

Segundo Feijoo (2019) a forma de atuação dos profissionais da psicologia diante daqueles que querem pôr fim a vida, é concomitante com as perspectivas e pensamentos que se tem acerca da temática do suicídio. “Dessas variadas formas, duas perspectivas são totalmente antagônicas. Uma delas inclina-se sobre o caráter individual da decisão de cometer suicídio, a outra defende a perspectiva da responsabilização do social” (*Ibid.*, p.159).

Acerca da responsabilidade individual busca-se compreender as causas subjacentes da ideação suicida, sejam elas de uma ordem biológica ou psíquica, por alterações físico-químicas ou da dinâmica do psiquismo, ou ainda por conta de situações sociais. Esses profissionais, por um lado, “assumem uma perspectiva disciplinar com o objetivo de prevenção, seguindo manuais com normas e procedimentos de como se deve atuar” (*Ibid.*). A atuação nesse caso se dá

buscando encontrar componentes psicopatológicos, como transtornos de humor. Esse tipo de atuação frisa que devem se formar redes de ajuda devidamente preparadas, para assim evitar o Complexo de Agar<sup>5</sup> (Feijoo, 2019). Por outro lado, outros profissionais defendem que “cabe apenas a cada um decidir sobre a sua vida, não responsabilizando com tanta ênfase a atuação dos profissionais envolvidos com a questão” (*Ibid.*, p. 160), não havendo a necessidade de criação de redes de atendimento com fins à prevenção.

Em contrapartida, Pereira e Rosal (2020) apontaram visões heterogêneas acerca do manejo adequado para pacientes com ideações suicidas, fazendo menção a importância da subjetividade do sujeito na construção da ideação suicida e a ausência de técnicas padronizadas que abarque a complexidade do sofrimento humano, já que o sofrimento é único para cada pessoa e, assim, segundo as autoras, o processo terapêutico também é único para um.

A prática clínica com esses adolescentes necessita, portanto, de um trabalho integrado com uma equipe multidisciplinar. A atuação de um psiquiatra não é uma regra, mas pode ser um recurso importante diante da demanda de ideação suicida, assim como pode ser relevante a atuação de um neurologista ou algum familiar próximo, que pode ajudar na ressignificação da realidade do sujeito em sofrimento. As autoras ainda ressaltaram que é importante a criação de vínculo no processo de transferência no setting terapêutico, sendo a fala o principal mecanismo de troca e cura na prática clínica psicanalítica (Pereira e Rosal, 2020, p.26 ).

Adicionalmente a esses aspectos, Flechner (2019) reforçou que se faz necessário o apoio familiar, participação em grupos terapêuticos, buscando criar um ambiente acolhedor e um espaço de escuta ativa. O trabalho do analista é mobilizado pelo trabalho com os afetos, já que em algumas situações o processo representativo pode não ser forte o suficiente para ser expresso e contido. Assim, o analista deve explorar as áreas mais frágeis do paciente com tendências suicidas, ajudando-o a entender esse comportamento, além de suportar as projeções hostis e angústia de morte, e a compreender-se. Para tanto, o terapeuta precisará lidar com sua própria perspectiva de morte.

---

<sup>5</sup> O Complexo de Agar diz respeito à terminologia criada por Chico Xavier, em 1943, para referir-se às pessoas que se dispõem a ajudar e, por se julgarem invulneráveis, não pedem ajuda para si mesmas (Feijoo, 2019).

Bichueti (2018), por sua vez, reforçou a importância da escuta ativa e da garantia do espaço para que esses jovens possam se expressar, sem que sintam-se julgados. A escuta ativa é uma ferramenta essencial nesse tipo de atendimento psicológico, permitindo que o profissional compreenda as necessidades emocionais do adolescente, sem julgamentos, tentando identificar questões que trazem sofrimento a esses indivíduos. Logo, há “ [...] a importância de repensarmos as práticas clínicas no século XXI, na direção de relações de cuidado solidário, de salvaguarda da dimensão política da existência, que só é possível a partir do diálogo franco entre iguais” (Boccardi, 2018, p.105).

Um estudo realizado com quatro meninas, com idades entre 13 e 15 anos, que apresentavam comportamentos auto lesivos, trouxe achados que indicaram uma correlação entre dificuldades emocionais e comportamentos auto lesivos, sugerindo que intervenções psicoterapêuticas devam focar no desenvolvimento de habilidades emocionais e na melhoria das relações interpessoais (Raupp, 2017).

Já Andrade *et. al.* (2020) apresentou em seu estudo onde evidências que demonstraram que, intervenções terapêuticas voltadas para fortalecer os aspectos positivos da religiosidade e espiritualidade podem ser benéficas na prevenção do suicídio juvenil.

Logo, diferentes abordagens tendem a utilizar distintas ferramentas no trato do indivíduo com ideação suicida, mas em geral as práticas clínicas concentram-se em atuar na prevenção, intervenção e pósvenção, esta última destinada ao acompanhamento dos enlutados após o suicídio de uma pessoa querida.

Feijoo (2021) refletiu acerca da prevenção e intervenção e quando seria o momento de atuar, propondo que:

No percurso da ação clínica, temos em mente que a liberdade do homem escapa de todo e qualquer controle, por isso a equipe busca permanecer naquilo que está em jogo na (in)decisão quanto ao ato de pôr fim à vida para assim podermos, junto àquele que pensa no ato, mobilizá-lo no sentido de que ele se demore na decisão, de modo a poder esclarecer para si mesmo o que afinal deseja (p.267).

Existe uma preocupação do indivíduo que pensa em pôr fim a vida, em relação ao que iria ocasionar na vida daqueles com quem esses vínculos se estabelecem. Existe uma defesa de que os vínculos afetivos são elementos importantes a serem trabalhados na terapia. “O vínculo afetivo, a procura por ajuda e

a ambiguidade frente à decisão de pôr fim à vida mostravam que ainda havia compromisso com a existência” (Feijoo, 2021, p.268).

É importante que a atuação do psicólogo não seja moralizante, sem objetivo de identificar relação causalidade e prevenção, ou seja, “uma atuação clínica em que a prevenção aconteça em um caráter de acolhimento atento e respeitoso, e não de tutela e/ou controle” (*Ibid.*, p.289).

Faz-se necessário, assim um olhar atento à atuação desse profissional da psicologia, a fim de que ele atue livre de preconceitos e julgamentos e aceite “que a morte é o destino de todos os homens e assim deixar de moralizar, estereotipar e excluir, por meio de rótulos, aqueles que deram fim às suas vidas” (*Ibid.*, p. 260).

Por outra perspectiva Kovács (2013) trouxe reflexões acerca da conduta ética dos atendimentos, relatando a importância do psicólogo diante de uma demanda de ideação e/ou tentativa suicida, fundamentar sua conduta com base no respeito, liberdade, dignidade, igualdade e integridade do ser humano, seguindo sempre o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP - Conselho Federal de Psicologia) e, “havendo a necessidade de quebrar o sigilo, devem ser oferecidos apenas os esclarecimentos necessários para a tomada de decisão, que afete o usuário” (Kovács, 2013, p.76).

Acerca da prevenção dentro da prática clínica, rodas de conversas e encontros, podem ser ferramentas importantes para desmistificar o suicídio. Estudo realizado por Silva (2019), em uma escola pública do Distrito Federal, com 200 alunos, através de entrevistas que abordaram temas como ideação suicida, bullying e relações interpessoais, mostrou que o apoio dos cuidadores, como os pais, responsáveis e professores é essencial para o bem-estar desses jovens. Ao criar um ambiente de confiança os jovens puderam compartilhar suas experiências e encontrar apoio emocional. A abordagem lúdica e reflexiva se mostrou eficaz para engajar os jovens a explorarem seus problemas e tirarem dúvidas acerca dessa temática.

Sganzerla (2021) corroborou a ideia da importância de trabalhar a competência social na escola desde a infância através de vivências realizadas em grupo, que tenham a finalidade de promover a coesão grupal. Promover e valorizar a vida no contexto escolar é essencial ao cuidado com a saúde mental do adolescente. O profissional de saúde mental deve “ouvir atenta e empaticamente o

que a pessoa em risco tem a dizer, não é aconselhado interromper com frequência, não ficar nem chocado ou muito emocionado [...] conduzir a conversa de forma cuidadosa e afetuosa” (OMS, 2000).

Friedemann e Narvaez (2020), considerou que o adolescente nessa fase é visto como um ser em transição, vivendo transformações e conflitos, além de mudanças fisiológicas e psicológicas. A escola desempenha uma função de iniciação social, embora não seja um espaço amenizador do sofrimento psíquico é importante a presença de um psicólogo dentro desse espaço, para proporcionar a criação de novos destinos aos conflitos adolescentes.

É crucial que o psicólogo atue em conjunto com a família e a escola, criando uma rede de apoio ao redor do adolescente. O acompanhamento contínuo e a integração com outros profissionais de saúde mental garantem que a abordagem seja holística e mais eficaz.

Tanto psicólogos que atuam nas vertentes psicanalítica, quanto na fenomenológica-existencial visam oferecer ao indivíduo em sofrimento, acolhimento e cuidado, através da construção de uma relação terapêutica de confiança, que é o primeiro passo para que o jovem se sinta seguro e acolhido, podendo, assim, abrir-se sobre seus sentimentos e pensamentos mais profundos.

Feijoo (2021) trouxe algumas conclusões acerca das práticas clínicas existenciais, dividindo-as em:

a) **Reconstrução:** Redução e Suspensão, onde a redução trata-se de “passagem da atitude natural para a antinatural ou fenomenológica” (*Ibid.*, p.104), e a Suspensão refere-se a “suspensão dos julgamentos e da moral estabelecida pelo senso comum e pela ciência acerca do tema investigado” (*Ibid.*, p. 104).

Feijoo (2021) conclui: “A prevenção não se estabelece em uma relação de causa e efeito; precisamos eliminar a tendência de procurar um culpado, inclusive o próprio psicólogo precisa sair desse lugar; poder lidar com a situação sem desespero” (Feijoo, 2021, p. 172).

b) **Destruição:** “Trata-se do caminho que abre novas possibilidades do fenômeno. Destruição de qualquer perspectiva moral acerca daquele que pensa ou tenta suicídio, de modo a não mais identificá-lo pelo viés da patologia, loucura ou pecado” (Feijoo, 2021, p. 172).

c) **Construção:** Refere-se à “articulação de outros modos possíveis de compreensão do fenômeno” (Feijoo, 2021, p.173). Acerca da construção das práticas clínicas existenciais, Feijoo (2021) conclui que:

A prevenção diz respeito a estar junto ao outro em uma postura de acolhimento, ou seja, abrindo um espaço de escuta compreensiva àquele que diz querer pôr fim à sua vida, deixando o outro totalmente livre para falar de suas intenções, sem estigmas, preconceitos ou estereótipos. Ao estar junto ao outro sem avaliá-lo ou censurá-lo, abre-se um espaço para que o outro possa se mostrar em suas questões (*Ibid.*).

O impacto das práticas clínicas vai além da intervenção imediata. Elas são essenciais na construção de habilidades emocionais que permitirão ao adolescente lidar com futuros desafios de forma mais saudável, minimizando os riscos de recaídas e contribuindo para o desenvolvimento de uma vida emocionalmente mais equilibrada e resiliente.

## 4. DISCUSSÃO

Tabela 2: Relação de Fichamentos

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
AMARAL, Ana Paula <i>et al.</i>	Depressão e ideação suicida na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção	2019	Explorar a implementação de programas de intervenção em adolescentes com depressão e ideação suicida.	Método "quase-experimental" para avaliação de programas de intervenção psicoterapêuticos, com foco na eficácia em reduzir ideação suicida.	Adolescentes de idade entre 13 e 17 anos, alunos de uma Instituição Privada de Ensino da cidade de São Luís, Maranhão	Intervenções estruturadas têm mostrado sucesso na redução da ideação suicida.	A implementação de programas de intervenção psicoterapêutica é crucial para adolescentes em risco.
ANDRADE, Maria Betânia Tinti de <i>et al.</i>	O nexó entre religiosidade/espiritualidade e o comportamento suicida em jovens	2020	Qual a relação entre religiosidade/espiritualidade (R/E) e comportamento suicida em jovens? O problema central é entender como a R/E pode influenciar a ideação e tentativas de suicídio nessa população, considerando que os jovens são particularmente vulneráveis a crises emocionais e comportamentos autodestrutivos.	A pesquisa é uma revisão integrativa da literatura, abrangendo estudos publicados entre 2011 e 2020. Os autores consultaram bases de dados como LILACS, PubMed e CINAHL, inicialmente identificando 1.044 artigos. Após triagem rigorosa, apenas sete artigos foram selecionados.	Adolescentes e jovens adultos entre 15 a 24 anos.	A maioria dos estudos revisados demonstrou que a religiosidade e a espiritualidade têm um efeito protetor contra comportamentos suicidas, especialmente em contextos de apoio social e psicológico religioso.	A religiosidade e a espiritualidade devem ser exploradas como fatores protetores contra o comportamento suicida, destacando a importância de incluir aspectos espirituais em intervenções de saúde mental.
BICHUETTI, L.	As contribuições winnicottianas para a clínica com adolescentes: o caso Patrick e a retomada do processo de amadurecimento na adolescência	2018	Como o setting psicanalítico pode ajudar adolescentes, especialmente os envolvidos em violência, consumo de substâncias e suicídio, a lidarem com a complexa transição entre infância e adolescência?	Revisão Narrativa para compreensão do setting psicanalítico a partir de referenciais teóricos de Winnicott e da análise do caso Patrick, ambos sob o ponto de vista do	Adolescentes com comportamentos suicidas	Bichuetti (2018) destaca que dificuldades no amadurecimento infantil complicam a transição para a adolescência, afetando a identidade, e defende a importância de uma escuta ativa e cuidado clínico personalizado para lidar com essas questões.	Bichuetti (2018) defende que, com uma abordagem clínica winnicottiana e um ambiente terapêutico acolhedor, é possível ajudar adolescentes a retomar o amadurecimento e desenvolver uma vida autônoma.

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
				processo de amadurecimento			
BOCCARDI, Diogo de Oliveira.	Viver não é preciso - discursos sobre o suicídio no século XXI	2018	O autor investiga como os discursos contemporâneos sobre o suicídio, predominantemente de natureza médica e psiquiátrica, moldam a compreensão e o tratamento desse fenômeno. Ele questiona a hegemonia desses discursos e busca compreender as condições que possibilitaram sua emergência e consolidação no século XXI .	Abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental e na perspectiva foucaultiana e estudos de casos clínicos.	Adolescentes com comportament os suicidas	A pesquisa revela que os discursos médicos e psiquiátricos sobre o suicídio têm um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que visam prevenir e cuidar, também exercem um controle sobre os sujeitos, promovendo a conformidade a normas sociais. Essa abordagem pode limitar a compreensão do suicídio a uma perspectiva patologizante, dificultando diálogos mais abertos e compreensivos sobre o tema .	Boccardi conclui que é necessário repensar os discursos sobre o suicídio, ampliando o debate para além das abordagens médicas e psiquiátricas. Ele defende a importância de considerar as dimensões éticas, sociais e subjetivas do fenômeno, promovendo uma escuta mais sensível e menos normativa. Essa perspectiva visa criar espaços de diálogo que respeitem a complexidade da experiência humana relacionada ao suicídio .
DUTRA, Elza	PENSANDO O SUICÍDIO SOB A ÓTICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	2011	O artigo busca refletir sobre o suicídio a partir da perspectiva fenomenológico-hermenêutica heideggeriana, questionando se o suicídio pode ser compreendido como uma forma de lidar com a angústia existencial e a finitude da vida	A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas com seis adolescentes	A amostra consistiu em seis adolescentes que haviam tentado suicídio, participantes de uma pesquisa de doutorado realizada pela autora. As experiências desses jovens foram exploradas para compreender o significado existencial do suicídio em suas vidas.	As narrativas dos adolescentes revelaram experiências de sofrimento profundo, frequentemente associadas a contextos familiares desestruturados, abusos e sentimentos de rejeição. A tentativa de suicídio emergiu como uma resposta ao desespero e à angústia diante de uma existência percebida como sem sentido. A análise fenomenológica destacou a dificuldade desses jovens em confrontar sua finitude e a ausência de reconhecimento existencial por parte dos outros	O estudo conclui que o suicídio pode ser compreendido como uma manifestação extrema da angústia existencial e da dificuldade em encontrar sentido na vida. A autora enfatiza a importância de abordar o suicídio não apenas como um fenômeno clínico, mas como uma expressão do ser-no-mundo em sua busca por sentido. Ela propõe uma compreensão que reconheça a singularidade da experiência humana e a necessidade de um olhar mais sensível e desprovido de rótulos sobre o sofrimento psíquico
DUTRA, Elza.	Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade	2012	Quais as causas existenciais do suicídio entre universitários, explorando o vazio existencial?	Revisão da literatura, análise de dados de diversos estudos sobre suicídio entre universitários.	Universitários, sem detalhes específicos de número de participantes.	Enfatiza o aumento do suicídio entre universitários e a relação com o vazio existencial.	A pesquisa conclui que o apoio psicológico e o reconhecimento da crise existencial podem ajudar a reduzir esses comportamentos.

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de.	Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial	2019	Como é o suicídio através da lente da psicologia existencial?	Revisão teórica, focando nos aspectos filosóficos e psicológicos que contribuem para o suicídio.	Não aplicável, estudo teórico.	A psicologia existencial oferece uma nova perspectiva, enfatizando a falta de sentido e a angústia existencial como fatores importantes.	A compreensão existencial do suicídio pode levar a abordagens mais eficazes na prevenção e no tratamento.
FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de.	A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica - hermenêutica.	2012	Como funcionam os modelos tradicionais de psicoterapia baseados nas ciências naturais, e como eles tendem a objetificar o psiquismo humano.	Estudo teórico-conceitual que utiliza a filosofia de Martin Heidegger como base para repensar a prática clínica em psicologia.	O artigo não envolve uma pesquisa empírica com uma população ou amostra específica. Trata-se de uma reflexão teórica que visa contribuir para a fundamentação epistemológica da prática clínica em psicologia.	A prática clínica inspirada na fenomenologia hermenêutica deve considerar: A indissociabilidade entre o homem e o mundo, evitando a dicotomia sujeito-objeto. O caráter histórico e temporal da existência humana, reconhecendo que o ser humano está sempre inserido em um contexto histórico específico. A técnica não apenas como um meio para atingir fins, mas como um horizonte histórico que influencia as crises existenciais.	A autora conclui que é possível pensar a psicologia clínica para além dos modelos tradicionais baseados nas ciências naturais, adotando uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica que valorize a singularidade, a historicidade e a abertura do ser humano. Essa abordagem propõe uma clínica que não busca corrigir ou ajustar o indivíduo a normas pré-estabelecidas, mas que o acompanha em sua travessia existencial, reconhecendo as crises como oportunidades para a emergência de novas possibilidades de ser.
FLECHNER, Sílvia.	Além dos limites: tentativas de suicídio na adolescência.	2019	O desejo de morte e a adolescência como transito de vida, como se dá a significação do impulso autodestrutivo em adolescentes e os fatores que levam a tentativas de suicídio e ao suicídio consumado sob o prisma da psicanálise?	Revisão Narrativa da Literatura de autores como Freud, Bion, Cassorla e Winnicott, além de um relato de caso de adolescente com comportamento suicida	Adolescentes com comportament os suicidas	A importância da qualidade das primeiras interações entre a mãe e o bebê e como isso pode afetar o funcionamento psíquico. Relação entre a adolescência e a agressividade e violência. Associação entre depressão e risco de suicídio. Reforça o <i>holding</i> (sustentação física e psicológica) dada ao sujeito em sofrimento, como forma de acolhimento.	Proporcionar ao adolescente a oportunidade de reescrever sua história psíquica. Os desafios da transferência e contratransferência, onde o analista deve aprender a lidar com projeções hostis e angústia de morte, enquanto ajuda o paciente a compreender-se e para isso precisará lidar com sua própria perspectiva de morte.

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
GOMES, E. R.; CONSTANTINI DIS, T. C.	Sentimentos e Percepções do Luto de Sobreviventes ao Suicídio de Jovens	2023	Como sobreviventes do suicídio de jovens lidam com o luto e suas experiências emocionais?	Análise qualitativa, com entrevistas a sobreviventes do suicídio de jovens.	A população-foco foram adolescentes e jovens que cometeram suicídio com idades entre 15 e 24 anos. Sobreviventes de pessoas que cometeram suicídio, especialmente jovens.	O luto é caracterizado por sentimentos intensos de culpa, raiva e uma sensação de incompreensão.	A necessidade de apoio psicológico especializado é evidente, já que os sobreviventes enfrentam desafios emocionais únicos e intensos.
GURSKI, R., STRZYKALSKI , S., PERRONE, C.	O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação.	2020	Como os adolescentes vivem as transições subjetivas em um contexto social atual, quais manifestações sintomáticas e as condições históricas, quais as interações entre as questões sociais e o campo da educação.	Revisão narrativa da Literatura psicanalítica através de uma concepção de adolescência contemporânea. Análise de um episódio social recente, o Massacre de Suzano.	Adolescentes com comportament os suicidas	Gurski et al. (2020) abordam a adolescência como uma fase de ruptura identitária, onde o suicídio pode ser uma saída para quem enfrenta crises de identidade e linguagem, destacando a importância do apoio social e a influência de fatores sociais e culturais.	Gurski et al. (2020) afirmam que a adolescência é marcada pela desilusão com os adultos, refletindo um mal-estar social que mistura o desejo de viver e morrer.
KOVACS, Maria Julia.	Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio	2013	Quais são os conflitos éticos enfrentados por profissionais de saúde ao lidar com o suicídio, considerando as complexidades do tema e as respostas simplistas que podem levar a erros no tratamento e na prevenção?	Revisão crítica da literatura sobre suicídio e ética, incluindo dados epidemiológicos, definições e manifestações do comportamento suicida, além de discussões sobre intervenções e a complexidade do tema.	Jovens e idosos com comportament o suicida e profissionais de saúde em diferentes contextos.	Identificação dos principais conflitos éticos: a necessidade de prevenir o suicídio versus a compreensão do sofrimento humano. O artigo discute a ambivalência entre o desejo de viver e morrer e as implicações para a prática clínica.	A autora conclui que é fundamental uma abordagem ética e reflexiva no tratamento do suicídio, enfatizando a importância da formação contínua dos profissionais de saúde para lidar com as complexidades do sofrimento humano.
KUCZYNSKI, Evelyn.	Suicídio na infância e adolescência	2014	Quais as motivações que levam jovens a considerar o suicídio como solução para suas dificuldades emocionais e sociais, destacando a necessidade de intervenções	Revisão de literatura e análise de dados históricos e epidemiológicos.	Jovens entre 10 e 19 anos, uma faixa etária vulnerável ao suicídio.	O suicídio nesta faixa etária é muitas vezes associado a transtornos mentais, bullying e influências sociais, como o cyberbullying	O artigo conclui que o suicídio entre crianças e adolescentes é um problema complexo que exige ações urgentes e coordenadas. Kuczynski defende a implementação de políticas públicas voltadas à saúde mental dos jovens e programas educativos nas escolas

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
			eficazes para prevenção?				sobre bullying e saúde emocional.
MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V.	Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica	2017	O que tem sido produzido na literatura científica sobre a depressão em adolescentes nos últimos 10 anos?	Revisão narrativa e crítica de estudos com enfoque fenomenológico.	159 artigos (42% nacionais, 58% internacionais).	Houve aumento de publicações sobre depressão em adolescentes; fatores como idade, gênero e contexto social influenciam a manifestação da depressão. Modelos teóricos convencionais falham em capturar a complexidade do fenômeno.	A abordagem da depressão em adolescentes deve considerar tanto os aspectos fenomenológicos quanto teóricos, reconhecendo a singularidade de cada caso e a necessidade de intervenções contextualizadas.
NOLETO, Isabel; FORTES, Maria Isabel.	O trauma e a urgência psíquica na clínica do suicídio	2022	Compreender a questão do suicídio pela perspectiva da psicanálise. Como se dá a relação entre o trauma desestruturado e não elaborado, a dor psíquica quando o indivíduo está em situação de extrema fragilidade e na ausência de recursos psíquicos e o comportamento suicida?	O estudo trata-se de uma revisão narrativa e traz conceitos e teorias da literatura psicanalítica de autores como Freud (1996/1920), Ferenczi (1992/1929), Cassorla (1991), Macedo (2019) entre outros.	Indivíduos em sofrimento psíquico e com comportament os suicidas	Impacto da teoria do trauma que se baseia na relação entre o sujeito e os eventos traumáticos, e sua relação com o comportamento suicida. As autoras relatam que crianças mal acolhidas na família, muitas vezes sentem-se indesejadas, o que compromete sua "vontade de viver" e favorece tendências suicidas ou auto destrutivas, o artigo também traz a reflexão acerca da importância do cuidado nos primeiros anos de vida e a figura do cuidador na construção de um ego resiliência, pode ser capaz de resistir à pulsão de morte.	O estudo demonstra a importância de escutar e acolher o paciente diante de sua dor, quando está se torna insuportável, vimos que o suicídio pode ser uma saída para apagar o sofrimento. Um tratamento que possibilite e sustente uma escuta singular pode contribuir para o reconhecimento da dor e viabilizar, aos poucos, a construção de outras saídas mais vitais para lidar com ela. Por fim, o artigo relata que a escuta terapêutica pode interromper as repetições do trauma e as ações autodestrutivas, evitando o suicídio como uma forma de "estancar" a dor.
NUNES, F., MOTA, C.	Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes.	2017	Como se dá a relação entre vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes?	Aplicação de questionários em escolas do norte de Portugal. Pesquisa quantitativa e exploratória.	Teve amostra de 604 indivíduos, entre 15 e 18 anos, 274 (45,4%) homens e 330 (54,6%) mulheres.	O estudo aponta que um bom vínculo familiar, especialmente com o pai, protege contra a ideação suicida em adolescentes, ao promover confiança e competências sociais. A interferência excessiva da mãe e a falta de individualidade aumentam o risco, enquanto assertividade e empatia ajudam a reduzir as chances de suicídio.	Nunes et al. destacam que vínculos familiares saudáveis, competências sociais e a confiança na relação com o pai protegem contra a ideação suicida, enquanto a interferência materna excessiva aumenta o risco.

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
OLIVEIRA, Andersson José Aparecido de; LEITE, Roberta Vasconcelos; GASPAR, Yuri Elias	Vivências e elaborações sobre a tentativa de suicídio na adolescência: estudo de caso fenomenológico	2021	Como uma adolescente que tentou suicídio elabora sua experiência?	Pesquisa qualitativa de estudo de caso com base na fenomenologia clássica.	Uma adolescente de 19 anos que tentou suicídio aos 14 anos, residente em uma cidade do interior de São Paulo.	A tentativa de suicídio foi desencadeada por rejeição e solidão. A religiosidade e o acolhimento social ajudaram na resignificação da experiência. O estigma e os julgamentos sociais agravam o sofrimento emocional.	As relações interpessoais podem ser fatores de risco ou de proteção para adolescentes em situação de vulnerabilidade. Acolhimento empático e humanizado é essencial para a resignificação do sofrimento e prevenção de novas tentativas.
OLIVEIRA, H.	As primeiras sessões com Sara, a colaborativa: uma adolescente a procura de suas asas	2015	O adolescente na clínica psicanalítica, qual a relação do mesmo com o Outro e os impactos da puberdade nas suas respostas sintomáticas?	O estudo é uma revisão narrativa e foi realizado a partir da análise de um caso clínico de uma adolescente de 17 anos com ideação suicida e dos tratamentos realizados por Freud nos casos Dora e da Jovem Homossexual.	Adolescentes com comportament os suicidas	Oliveira (2015) explica que a adolescência surge como uma resposta sintomática às falhas nas pulsões, onde o conceito de "Outro" de Lacan pode gerar graves sintomas. Ao lidar com a falha do Outro, o adolescente se aproxima das pulsões de morte, conforme descrito por Freud.	Oliveira (2015) afirma que a falha do Outro leva o adolescente a se alienar, negando o real e se afastando das figuras ao seu redor, o que aumenta o risco de ideação suicida e aproxima-o da pulsão de morte.
PEREIRA, Dayse de Cássia; ROSAL, Anna Silvia Rosal de.	IDEAÇÃO SUICIDA: Manejo na Clínica Psicanalítica	2020	Como se dá o manejo clínico de pacientes com ideação suicida na perspectiva da psicanálise?	Revisão Sistemática que contempla pesquisa de campo para coletar dados com psicoterapeutas psicanalíticos que já atenderam sujeitos com ideação suicida. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de questionário e realização de entrevistas narrativas e entrevistas.	Quatro psicólogos com formação em Psicanálise e experiência sólida com demanda de ideação suicida	Acolhimento para fortalecimento dos vínculos e transferência entre terapeuta e cliente. Relação entre ideação suicida e histórias muito difíceis (muitas faltas ou violência em suas infâncias e pouca afetividade). Visões heterogêneas acerca do manejo adequado na psicoterapia desses pacientes, a importância da subjetividade do sujeito na construção da ideação suicida e a ausência de técnicas padronizadas que abarque a complexidade do sofrimento humano.	A ideação suicida não é a causa do sofrimento psíquico, mas consequência da angústia intensa vivida pelo indivíduo. A importância da criação de vínculos e do processo de transferência no setting terapêutico psicanalítico. Cada paciente é uno. Acolhimento é a principal medida comum e que o espaço de escuta ativa para esse indivíduo e empatia com seu sofrimento são chave, principalmente no início do processo.
RAUPP, C. S.; MARIN, A. H.; MOSMANN, C. P.	Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do	2018	Como se dá a prática de comportamentos autolesivos em adolescentes e sua relação com a	Estudo de casos múltiplos, com quatro meninas entre 13 e 15 anos, que responderam a	Quatro meninas entre 13 e 15 anos que apresentavam comportament	Os comportamentos autolesivos começaram precocemente, têm um caráter aditivo e são usados principalmente para expressar raiva.	A pesquisa sugere a importância de um atendimento profissional adequado para adolescentes com esses comportamentos, dada a

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
	sexo feminino		administração das emoções.	uma escala de avaliação e entrevista semiestruturada.	os autolesivos.	Foi destacada a necessidade de preparação dos profissionais para lidar com esses comportamentos devido à sua complexidade e proximidade com o suicídio.	sua ligação com problemas emocionais graves.
RIBEIRO, C. N.; GUERRA, A.M.C.	Adolescência, atos e o risco de suicídio	2020	A relação entre a adolescência, os atos e o risco de suicídio e como se dá o manejo diante dessas demandas?	As autoras utilizam a Série Os 13 porquês, como recurso metodológico para uma Revisão Narrativa da Literatura	Adolescentes com comportament os suicida, especialmente no contexto escolar	A Adolescência como sintoma da puberdade (afrouxamento dos vínculos com os pais, período de elaboração de perdas e da falta no campo do outro). Importância e papel da escola sobre a temática de suicídio em adolescente.	Importância da escuta, dar lugar à palavra é um modo de o sujeito sair da invisibilidade, além de abrir condições para que pontes e passagens de uma posição a outra possam ser feitas.
SGANZERLA, G. C.	Risco de suicídio em adolescentes: Estratégias de prevenção primária no contexto escolar.	2021	O risco de suicídio em adolescentes no contexto escolar e como se dá a estratégias de prevenção primária para lidar com esse risco. Quais fatores associados, sinais de alerta e possíveis propostas de intervenção no âmbito escolar?	Revisão Narrativa da Literatura	Adolescentes no contexto escolar e o risco de suicídio	Pequeno número de amigos, relações agressivas e o bullying são fatores de riscos ao suicídio. Relação entre os transtornos mentais e comportamentos suicidas e a importância da competência social na escola na promoção e valorização da vida. As estratégias preventivas encontradas são: a capacitação de professores, orientação às famílias e treinamento de habilidades sociais com os estudantes.	Ações dentro do contexto escolar são importantes na prevenção e promoção da saúde de adolescente com comportamentos suicidas. O suicídio como questão de saúde pública. O comportamento suicida é visto como resultado de variáveis emocionais e sociais, o "modus operandi" atual tem contribuído para o aumento de casos de comportamento suicida em adolescentes.
SILVA, G. V. et al.	Promoção de saúde mental para adolescente em uma escola de ensino médio - Um relato de experiência	2019	Como promover a saúde mental dos adolescentes em uma escola pública utilizando uma abordagem participativa?	Relato descritivo de experiência com atividades práticas de promoção de saúde mental em escola pública.	Três turmas do 1º e 2º ano do ensino médio, aproximadamente 60 adolescentes por sessão (15-19 anos).	A intervenção promoveu discussões sobre saúde mental, ideação suicida e bullying, resultando em maior empatia, respeito mútuo e engajamento dos adolescentes.	A integração entre saúde e educação foi destacada como fundamental para a promoção da saúde mental e fortalecimento dos vínculos no contexto escolar.

AUTOR (ES)	NOME DO ARTIGO	ANO	PROBLEMA DA PESQUISA	MÉTODO	POPULAÇÃO/ AMOSTRA	RESULTADOS	CONCLUSÃO
VANNUCCHI, A. M. S.	Suicídio na adolescência: Tentando pensar o impensável	2019	A necessidade de romper o silêncio em torno do suicídio. Quais contribuições a literatura pode dar para ampliar as possibilidades de compreender a complexidade da condição humana desse adolescente?	Revisão narrativa da literatura psicanalítica. inicialmente apresentada na mesa redonda "Suicídio: o insustentável da juventude" no simpósio "O Eu e o Outro" em 2018, com a participação de Dr. José Bertolote.	Adolescentes com comportament os suicidas	Vannucchi (2019) destaca que o comportamento suicida na adolescência reflete o desejo de ser amado e a fuga de um sofrimento interno, com o fechamento emocional sendo um sinal de alerta. A autora enfatiza a importância do vínculo afetivo e da avaliação dos riscos clínicos para prevenir a ideação suicida.	Vannucchi (2019) enfatiza a importância de apoiar o adolescente na busca por autenticidade, lidando com a pulsão de morte e a fragilidade do ego, com sinceridade no processo de construção identitária.

Fonte: Alunos da Universidade Paulista - UNIP

Através de uma revisão sistemática de literatura foram selecionados e analisados materiais relacionados à ideação suicida em adolescentes e às linhas teóricas da fenomenologia existencial e da psicanálise empregadas nas intervenções e manejo clínico. O recorte dos estudos foi realizado com base em critérios de exclusão e inclusão, definidos conforme o escopo da discussão proposta. Os critérios de inclusão abrangeram a relevância direta para a pergunta norteadora, a disponibilidade em base de dados eletrônicas relevantes, amostras constituídas essencialmente por adolescentes, publicações em língua portuguesa e o período de publicação entre 2010 e 2024. O método descrito atende integralmente aos requisitos de uma revisão sistemática da literatura, o que possibilitou uma análise criteriosa e fundamentada sobre o manejo clínico da ideação suicida em adolescentes sob as perspectivas da fenomenologia e da psicanálise.

Os resultados da análise ofereceram uma visão significativa sobre a complexidade do fenômeno da ideação suicida na adolescência, que é influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Diante dessa complexidade, torna-se evidente que uma compreensão adequada requer a consideração tanto das dimensões individuais do sofrimento quanto do contexto histórico e sociocultural em que os adolescentes estão inseridos. Boccardi (2021) ressaltou a urgência de superar discursos totalizantes que patologizam ou moralizam o ato suicida,

propondo, em contrapartida, intervenções não coercitivas e metodologias que respeitem a subjetividade e o tempo de cada adolescente.

Os estudos analisados destacaram a importância de abordagens terapêuticas que considerem a singularidade do sujeito, como a psicanálise e a fenomenologia, que oferecem perspectivas complementares para o manejo da ideação suicida. A psicanálise, com sua ênfase nos conflitos inconscientes, explora as raízes do sofrimento psíquico, levando em consideração o contexto onde o adolescente está inserido. Na clínica psicanalítica, o trabalho terapêutico se desenvolve por meio da escuta atenta, auxiliando o adolescente na elaboração de suas angústias e na reconstrução de seu mundo interno. Freud (1915) relacionou o suicídio ao embate entre as pulsões de vida e morte, enquanto Vannucchi (2019) ressaltou que o comportamento suicida pode representar uma tentativa desesperada de escapar de uma dor psíquica insuportável. Além disso, Winnicott acrescentou que falhas ambientais na infância, como a ausência de um "holding" adequado, podem levar à formação de um falso *self*, aumentando o risco de ideações autolesivas.

Por sua vez, a fenomenologia, fundamentada em autores como Heidegger (2006), Angerami (2017) e Feijoo (2019), propõe uma abordagem centrada na experiência subjetiva do adolescente. Nessa perspectiva, o suicídio não deve ser reduzido a uma patologia, mas compreendido como uma resposta existencial ao desamparo e à falta de sentido da vida. Heidegger (2006) discutiu o conceito de "ser-para-a-morte", enfatizando que a consciência da finitude pode gerar tanto angústia quanto outras diversas possibilidades, inclusive de apropriação de si mesmo. Na prática clínica, o psicólogo fenomenológico busca acolher o sofrimento sem julgamentos, ajudando o adolescente a ressignificar sua dor e encontrar novos sentidos para a vida. Como afirmou Feijoo (2019), a escuta fenomenológica permite que o jovem se demore em sua (in)decisão, explorando alternativas além do ato suicida. Essa escuta, por sua vez, não impõe caminhos prontos, mas acompanha o adolescente no processo de construção de sentido.

Apesar dos avanços teóricos e clínicos, os desafios do manejo clínico em adolescentes são inúmeros. Os estigmas em torno do suicídio frequentemente dificultam a busca por ajuda, enquanto abordagens tecnicistas e protocolares podem negligenciar a singularidade do sofrimento. Além disso, fatores contextuais como

*bullying*, redes sociais, pressão acadêmica, desavenças familiares e exclusão social agravam o risco de ideação suicida nessa fase da vida (Gurski *et al.*, 2020).

Diante dessas evidências, é inegável que a atuação deve se basear no acolhimento e não na coerção. Essa compreensão é compartilhada tanto pela psicanálise quanto pela fenomenologia, como destaca Feijoo (2021), ao afirmar que muitos adolescentes que pensam em suicídio ainda mantêm um vínculo ambivalente com a vida, buscando ajuda mesmo em meio ao desespero.

Assim, o manejo da ideação suicida em adolescentes exige uma abordagem multidisciplinar e integrada, que considere o fenômeno conforme a sua multideterminação e desenvolva uma escuta humanizada. Tanto a psicanálise, na compreensão dos conflitos inconscientes, quanto a sensibilidade fenomenológica à experiência subjetiva, oferecem subsídios para a compreensão do fenômeno e do sofrimento do ser humano sem reduzi-lo a uma mera categoria diagnóstica. Nessas abordagens, o psicólogo atua como um facilitador que caminha junto, possibilitando ao adolescente elaborar suas angústias, reconstruir seus vínculos e buscar novos sentidos.

Tendo em vista que o suicídio é multifatorial, buscou-se elencar os aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e econômicos que possam desencadear ideação suicida em adolescentes. Também se investigou como o fenômeno foi historicamente concebido e quais os principais manejos clínicos adotados nas intervenções psicoterapêuticas.

Foi possível observar que a ideação suicida sofreu alterações consideráveis em sua compreensão ao longo da história, sendo influenciada por fatores históricos, políticos e religiosos. Por exemplo, a igreja católica exerceu forte influência sobre a moralização do suicídio, enquanto as transformações sociais alteraram os mais diversos fatores de risco à ideação suicida em adolescentes e que culminaram em novas pressões sociais.

Além de temas historicamente conhecidos, como fome, estigmas religiosos, questões econômicas e preconceitos diversos, outras preocupações surgiram no contexto dos jovens, como *bullying*, padrões inatingíveis de beleza, presença em redes sociais e exigência de relevância no meio virtual. Tudo isso, somado ao grande volume de informações a que o adolescente tem acesso em tempo real e ao alto grau de exposição virtual, que pode gerar “cancelamento” e/ou “linchamento

virtual”, gera um nível de pressão que, segundo diversos autores analisados, contribuem significativamente para a ideação suicida entre adolescentes.

Assim, partindo do pressuposto de que o comportamento suicida na adolescência está profundamente vinculado ao modo de vida contemporâneo e às pressões sociais instauradas por um modelo neoliberal de existência, observou-se que o sujeito com comportamento suicida foi, muitas vezes, atravessado por uma visão moralizante e estigmatizada, devido a um legado de influências históricas e religiosas. Esse panorama foi ilustrado por Feijoo (2019), ao apontar que o suicídio foi, por muito tempo, considerado um pecado imperdoável e ainda permanece no discurso social, enfatizando a necessidade de abandonar a estereotipação dos que atentam contra a própria vida.

Além disso, a estrutura social contemporânea impõe exigências que impactam diretamente o psiquismo dos adolescentes. Os dados revelaram um aumento constante da ideação suicida nessa população, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social, como indicaram as estatísticas da OMS (2024), e estudos de autores como Feijoo (2019) e Boccardi (2021). Esses autores relacionaram o suicídio às condições impostas pelo capitalismo. Onde a alta performance e a constante validação social tornaram-se exigências, quando esses padrões não são atingidos, sentimentos de vazio e desesperança se intensificam.

A análise dos autores empregados apresentou, também, evidências relevantes que sustentam a hipótese de que a cultura de alta performance e os padrões estéticos são fatores agravantes da ideação suicida entre adolescentes. Estudos demonstraram que a insatisfação com a imagem corporal, o sentimento de inadequação e a supervalorização do corpo como ideal de sucesso estiveram associados à ideação suicida. Gurski *et al.* (2020) reforçaram que o sofrimento vivenciado por esses adolescentes não pode ser visto como um fenômeno isolado do indivíduo, mas como expressão de um laço social adoecido, marcado por preconceitos, exclusão e violências presentes no cotidiano.

Foi possível constatar, assim, que os índices de adolescentes com ideação suicida, bem como os que, de fato, tentam o suicídio, vêm aumentando progressivamente ao longo dos anos. Apesar dos esforços crescentes nas campanhas de prevenção, essas ações têm se mostrado insuficientes frente ao crescimento dos casos. Feijoo (2019) observou que, mesmo com diversas

iniciativas, não se alcançou uma mudança estrutural no modo de lidar com o sofrimento psíquico. Essa limitação foi potencializada pelo tabu persistente que envolve o tema, dificultando a discussão aberta e o acolhimento em espaços como a escola e a família. Dutra (2011) apontou, ainda, que o suicídio ainda se apresenta como um campo de silêncios, atravessado por valores morais e resistências institucionais.

Outro aspecto relevante confirmado pela pesquisa realizada foi a tendência à patologização dos indivíduos com sintomas de ideação suicida. Diversos autores como Feijoo (2019 e 2021), Boccardi (2018 e 2021), Friedemann e Narvaez (2020), Kovács (2013), Andrade *et al.* (2020), Pereira e Rosal (2020) e Amaral *et al.* (2020) validaram que as medidas comumente adotadas para lidar com essas questões envolvem uma crescente medicalização e uma atuação centrada exclusivamente na lógica biomédica. Esse modelo tende a desconsiderar o contexto e a singularidade dos sujeitos, propondo soluções rápidas para problemas complexos. Em contrapartida, os manejos com enfoque fenomenológico-existencial e psicanalíticos passaram a enxergar o indivíduo como único, valorizando o acolhimento como principal medida e compreendendo que a escuta ativa e a empatia são pilares fundamentais para a efetividade do tratamento. Tais evidências reforçam a necessidade de que políticas públicas e ações em saúde mental contemplem a complexidade dos fatores que incidem sobre a ideação suicida.

Com base na literatura e nas evidências levantadas, foi possível confirmar grande parte das hipóteses formuladas ao longo deste trabalho. Constatou-se, portanto, que os manejos clínicos apresentados, embora apresentem efetividade no tratamento de diversos adolescentes com ideação suicida, não são suficientes para enfrentar o problema de forma abrangente. Isso se deve ao fato de que as diversas pressões sociais do capitalismo neoliberal, os efeitos do excesso de informações e a superexposição nas redes sociais exercem forte influência sobre os adolescentes, exigindo maior atenção. No jogo de forças estabelecido entre todos esses elementos de um lado, e os diversos manejos clínicos adotados nas intervenções psicoterapêuticas do outro, os números tornam evidente a urgência de abordagens mais integrativas e sensíveis à realidade contemporânea, pois os psicólogos ainda carecem de instrumentos suficientemente eficazes para acompanhar as

transformações sociais e oferecer suporte adequado aos adolescentes em sofrimento.

Assim, ao objetivar compreender o manejo clínico psicológico de adolescentes com ideação suicida, à luz das abordagens psicanalítica e fenomenológica, evidenciou-se a necessidade de uma análise profunda, tanto dos fundamentos teóricos que sustentam essas abordagens, quanto das suas implicações clínicas no atendimento a adolescentes em sofrimento psíquico. Para tanto, o levantamento histórico-bibliográfico permitiu observar como o suicídio foi compreendido ao longo do tempo, considerando os significados que lhe foram atribuídos em épocas passadas, como ato de coragem ou fé, até a sua estigmatização pela perspectiva cristã, que influenciou diretamente os discursos contemporâneos sobre o tema. A partir dessa contextualização pôde-se reconhecer o suicídio como um fenômeno socioculturalmente construído, e não apenas como um ato individual.

Ao analisarmos as teorias psicanalíticas e fenomenológicas sobre o suicídio na adolescência, objetivou-se promover uma articulação entre as concepções de ambas as abordagens. Constatou-se que a psicanálise contribuiu com reflexões sobre os conflitos intrapsíquicos vivenciados na adolescência, destacando a ambivalência entre pulsão de vida e de morte, o retorno do Édipo, o impacto do trauma e a constituição do falso *self*. Enquanto a fenomenologia proporcionou um olhar sensível e humanizado sobre a experiência do adolescente com ideação suicida, destacando sua vivência existencial, a influência do ser-no-mundo e a dificuldade de apropriação de sua própria existência.

Tais abordagens, por sua vez, consolidaram-se como ferramentas e perspectivas contemporâneas importantes no manejo clínico do suicídio, empregando práticas clínicas utilizadas atualmente, tanto sob a ótica da escuta psicanalítica quanto pela escuta fenomenológica. Essas práticas se baseiam em estratégias de acolhimento, do vínculo terapêutico, do papel do analista na sustentação do sofrimento e da valorização da experiência subjetiva como via de reconstrução de sentidos. Além disso, a pesquisa apontou a necessidade de uma atuação ética e não moralizante por parte do psicólogo, que reconheça a singularidade de cada adolescente e sua história.

Assim, ao propor-se revisitar práticas clínicas contemporâneas e analisar seu impacto, constatou-se que o manejo clínico da ideação suicida em adolescentes exige um trabalho cuidadoso, pautado em escuta ativa, empatia e acolhimento sem julgamentos. Foi possível perceber que não há um protocolo único ou padronizado, e sim a necessidade de uma atuação singularizada, que leve em consideração tanto os aspectos subjetivos quanto os contextos socioculturais vividos por esses adolescentes. Nesse sentido, considerou-se que os objetivos propostos para esta análise foram alcançados, ao compreender-se a importância de uma visão crítica do manejo clínico da ideação suicida em adolescentes, capaz de contribuir com reflexões teóricas e práticas, que respeitem a complexidade do sofrimento psíquico e a singularidade da existência adolescente.

Tal constatação evidenciou-se a partir da revisão da literatura levantada, que permitiu entrar em contato com conteúdos relevantes e confiáveis, apesar da escassez de pesquisas sobre a ideação suicida em adolescentes.

A metodologia adotada foi válida por trazer contribuições relevantes a essa discussão, bem como por explicitar essa lacuna. A leitura crítica da literatura selecionada evidenciou que o tema necessita de maior aprofundamento, principalmente para a prática clínica, reforçando a necessidade de mais estudos que possam colaborar para a capacitação de psicólogos frente a essa demanda.

O conteúdo discutido permitiu uma avaliação do impacto sócio-histórico na percepção do fenômeno nos dias atuais, ressaltando a importância de compreender o suicídio como uma questão social e não apenas individual. Reforça-se a necessidade de escuta atenta, acolhimento e valorização da subjetividade no processo de manejo clínico desses adolescentes, que se encontram em fase de transição entre o luto da infância, pela queda das idealizações em relação aos pais e pela própria busca por pertencimento social.

Esse olhar integral sobre o tema colaborou para a compreensão ampla do problema, não somente para o trabalho dos psicólogos, mas também para a reflexão de outras áreas da sociedade, como o impacto da escola e do uso excessivo de redes sociais na saúde mental dos adolescentes. Daí a importância de uma maior produção científica sobre o manejo clínico na adolescência e na ideação suicida, a fim de que haja um detalhamento maior da prática, trazendo à tona experiências e intervenções que contribuam para um manejo mais assertivo e contextualizado.

Assim, apesar da carência de detalhamento dos manejos empregados para esta situação, o conjunto de autores apresentados ofereceu uma base rica e plural sobre os desafios do manejo psicológico frente à ideação suicida em adolescentes e às diferentes perspectivas acerca desse fenômeno. No entanto, há de se fazer críticas a alguns dos textos selecionados devido às ferramentas adotadas e ao modelo tecnicista de lidar com o suicídio, que muitas vezes considera os adolescentes como objetos de intervenção clínica, o que nos desafia a repensar novas interpretações sobre o fenômeno e a desenvolver práticas psicológicas mais adequadas.

A adolescência, conforme Vannucchi (2019) e Gurski *et al.* (2020), é compreendida como uma fase marcada por conflitos, ambivalência e intensas transformações subjetivas. O sujeito vê-se às voltas com as exigências do superego, como indicado por Pereira e Rosal (2020), e com o retorno das pulsões de morte, conceitos centrais freudianos que, se não encontram vias de simbolização, podem se manifestar em fantasias ou atos autodestrutivos. Flechner (2019) explicitou a relação mãe-bebê e o abandono materno como um dos fatores que contribuem para comportamentos suicidas, assim como para a depressão. Já a visão psicanalítica de Bichueti (2018) reforçou que, através de um *setting* psicanalítico, um ambiente suficientemente bom, a adequação dos tratamentos à necessidade do paciente e o acompanhamento com os pais e a escola podem possibilitar o amadurecimento para esse indivíduo que ainda não conquistou o *self*. Assim, um ambiente acolhedor poderia promover uma regressão aos momentos de falha ambiental, possibilitando sua reparação e a retomada do amadurecimento psíquico do indivíduo, bem como o sentido de viver de forma autônoma.

Essa leitura auxilia na compreensão da visão psicanalítica sobre o fenômeno, que acaba reduzindo o tema do suicídio a um problema que surge de demandas não atendidas pela família nos estágios iniciais. Entende-se, assim, que de acordo com conceitos psicanalíticos, as ideações suicidas podem ser atribuídas a conflitos internos, gerados por falhas nas relações familiares, nas exigências do superego e que, ao serem simbolizadas e trabalhadas, o adolescente pode superar o sofrimento.

Em contrapartida, Feijoo (2021) propôs os conceitos de reconstrução, destruição e construção das atuais práticas clínicas diante de adolescentes com

ideação suicida, com o objetivo de proporcionar um novo olhar sobre a prática clínica psicológica. Esses conceitos baseiam-se na escuta compreensiva e, principalmente, ruptura com a ideia de prevenção como relação de causa e efeito e com a associação automática entre suicídio e patologia. Tal pensamento nos leva a refletir sobre os manejos psicológicos vigentes e sua eficácia. Apesar das críticas às práticas atuais, é importante ressaltar que o fenômeno de ideação suicida em adolescentes pode necessitar de uma atuação mais ativa e imediata, o que contrasta com a postura preconizada pela autora.

As contribuições de Andrade *et al.* (2020), ao trazerem a dimensão da religiosidade e espiritualidade, embora não especificamente pertençam diretamente ao escopo psicanalítico ou fenomenológico, precisam ser interpretadas com cautela. A tentativa de oferecer sentido por meio da religiosidade pode operar como forma de alienação, dificultando a reflexão do sujeito sobre o seu próprio existir e comprometendo o princípio da laicidade que orienta a prática profissional da Psicologia, conforme previsto em seu Código de Ética.

Embora partam de pressupostos teóricos distintos, ambas as abordagens, psicanalítica e fenomenológica-existencial, convergem para a valorização da singularidade do sujeito, na recusa de uma prática clínica normatizante e na crença do acolhimento como principal recurso psicoterápico. Essa complementaridade mostra-se promissora no manejo clínico com adolescentes, cujo sofrimento, muitas vezes silenciado ou patologizado, demanda uma escuta que contemple tanto a dimensão simbólica do sintoma quanto a expressão existencial da angústia.

Partindo dessas ponderações, os resultados apresentados permitiram uma compreensão mais aprofundada da complexidade desse fenômeno e demonstraram que trata-se de uma temática que ainda exige investigação, tanto sob o ponto de vista teórico do fenômeno, quanto prático, especialmente no contexto das técnicas adotadas nas sessões de psicoterapias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender o manejo clínico da ideação suicida em adolescentes a partir das abordagens psicanalítica e fenomenológica-existencial, por meio de uma revisão sistemática de literatura. A análise dos estudos permitiu observar que o fenômeno do suicídio entre adolescentes está longe de ser uma questão puramente individual ou médica: trata-se de uma expressão multifacetada de sofrimento psíquico, atravessada por fatores históricos, sociais, culturais, econômicos e subjetivos.

A partir da leitura crítica dos textos selecionados, foi possível perceber que a compreensão do suicídio se transformou ao longo do tempo, saindo de concepções religiosas e moralizantes para uma visão mais complexa e contextualizada. No entanto, o estigma, a patologização e a tendência a intervenções protocolares ainda persistem, dificultando um acolhimento ético, empático e humanizado nas práticas clínicas.

As abordagens psicanalítica e fenomenológica revelaram-se especialmente valiosas por priorizarem a escuta singular, o reconhecimento da subjetividade e o respeito ao tempo psíquico de cada adolescente. Ambas recusam interpretações reducionistas ou normativas e reforçam a importância de uma escuta sensível, que acolha a dor do sujeito sem transformá-la imediatamente em diagnóstico ou protocolo de conduta. A psicanálise contribui ao possibilitar a elaboração simbólica do sofrimento e ao apontar para os conflitos inconscientes que atravessam o ato suicida. Já a fenomenologia destaca o sofrimento como uma experiência existencial, que deve ser compreendida no contexto do ser-no-mundo do adolescente.

A pesquisa também evidenciou que o aumento da ideação suicida entre adolescentes está relacionado às pressões sociais contemporâneas, como o culto à alta performance, a exposição exacerbada nas redes sociais e a solidão provocada por vínculos frágeis e efêmeros. Esses fatores se somam a questões já historicamente conhecidas, como o preconceito, a exclusão e a ausência de espaços seguros para a escuta do sofrimento juvenil.

Apesar das contribuições significativas obtidas, reconhece-se a limitação da ausência de estudos mais práticos e descritivos sobre o manejo terapêutico em

contextos clínicos reais. A maioria das produções analisadas centraram-se em reflexões teóricas, o que aponta para a necessidade urgente de novas pesquisas, que incluem relatos de casos, entrevistas com profissionais da área e investigações empíricas que ajudem a compreender como o acolhimento à ideação suicida ocorre na prática.

Dessa forma, este trabalho cumpriu seu objetivo ao reunir, analisar e discutir produções relevantes sobre o manejo clínico da ideação suicida em adolescentes, oferecendo uma visão crítica e aprofundada sobre os principais desafios enfrentados. Mais do que fornecer respostas prontas, a proposta foi abrir espaço para a reflexão, questionando práticas cristalizadas e propondo novas formas de escutar e acolher o sofrimento psíquico na adolescência. A singularidade, a ética e o acolhimento devem ser, portanto, os pilares de uma prática clínica comprometida não apenas com a vida, mas com a dignidade do existir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Paula *et al.* Depressão e ideação suicida na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção. **Enferm. glob.**, Murcia, v.19, n.59, p.1-35, 2019. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1695-61412020000300001&lng=es&nrm=iso](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412020000300001&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mai. 2024. <https://dx.doi.org/10.6018/eglobal.402951>.

ANDRADE, Maria Betânia Tinti de *et al.* O nexó entre religiosidade/espiritualidade e o comportamento suicida em jovens. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 16, n. 4, p.109-121, dez. 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762020000400014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mai. 2024. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.169257>.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Suicídio: uma alternativa à vida: fragmentos de psicoterapia existencial.** Belo Horizonte: Artesã Editora, 2017.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP. **Guia de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Paulista:** ABNT. São Paulo: UNIP, 2024. Disponível em: <https://unip.br/servicos/biblioteca/guia.aspx>. Acesso em: 24 mai, 2025.

BICHUETTI, L. **As contribuições Winnicottianas para a clínica com adolescentes:** o caso Patrick e a retomada do processo de amadurecimento na adolescência. Cadernos de Psicanálise (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 40, n.39, p. 67-90, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000200017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200017). Acesso em: 14 mai, 2024.

BOCCARDI, Diogo de Oliveira. **Viver não é preciso:** discursos sobre o suicídio no século XXI. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BOCCARDI, Diogo de Oliveira. **Viver não é preciso.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2024). **Boletim epidemiológico.** v. 55, n.4. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S. l.], v. XVII, n. 2, p. 152-157, 1 jul. 2011.

DUTRA, Elza. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812012000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p.158-173, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 1 maio. 2024.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica-hermenêutica. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 973-986, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812012000300016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em: 07 abr. 2025.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **Suicídio & Luto**: Da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: IFEN, 2021.

FLECHNER, Silvia. Além dos limites: tentativas de suicídio na adolescência. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 83-101, dez. 2019. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2019000400006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400006). Acesso em: 03 nov. 2024.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915. v. 14.

FRIEDEMANN, Adams; NARVAEZ, Joana. O impacto da escola na ideação suicida de adolescentes. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 25, n.3, p.471-487, dez. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282020000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mai. 2024. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i3p471-487> .

GOMES, E. R.; CONSTANTINIDIS, T. C.. Sentimentos e Percepções do Luto de Sobreviventes ao Suicídio de Jovens. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e255629, 2023. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932023000100285&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932023000100285&lang=pt). Acesso em: 3 nov. 2024.

GURSKI, R., STRZYKALSKI, S., PERRONE, C. O despertar da adolescência, o suicídio juvenil e as atuais políticas de morte: questões para o campo da educação.

**Revista Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 52.2, p. 357-383, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382020000200017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200017). Acesso em: 14 mai, 2024

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15. ed. (M. Cavalcanti, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. (Publicado originalmente em 1927).

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1940.

KOVACS, Maria Julia. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Psicologia teoria prática**, São Paulo, v. 15, n. 3, p.69-82, dez. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mai. 2024.

KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 246 - 252, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/NR8JRdfsSb33FN9qc8dHgLM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: Reflexões Psicanalíticas**. 4. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013. cap. 3, p. 77-124.

MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V.. Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 1, p. 18–34, jan. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/xxLzwTVJrHKW7fZkWhQwjJq/?lang=pt#> acesso em: 13 out. 2024. <https://doi.org/10.1590/1982-37030001712014>

NOLETO, Isabel; FORTES, Maria Isabel. O trauma e a urgência psíquica na clínica do suicídio. **Analytica**, São João del Rei , v. 11, n. 20, p. 1-23, jun. 2022 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972022000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972022000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 nov. 2024.

NUNES, F., MOTA, C. Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n.3, p. 52-65, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672017000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300005) Acesso em: 14 maio, 2024.

OLIVEIRA, Andersson José Aparecido de; LEITE, Roberta Vasconcelos; GASPAR, Yuri Elias. Vivências e elaborações sobre a tentativa de suicídio na adolescência: estudo de caso fenomenológico. **Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande**, v. 13, n. 2, p. 19-32, jun. 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2021000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 mar. 2025. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1102>.

OLIVEIRA, H. As primeiras sessões com Sara, a colaborativa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n.3, p. 85-99, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v49n3/v49n3a08.pdf>. Acesso em: 14 maio. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preventing suicide: A global imperative.** Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564779>. Acesso em: 25 mai. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicídio.** Genebra: OMS, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 25 maio. 2025.

PAGE, M. J. et al. **A declaração PRISMA 2020:** diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 31, n.2, 2022. Disponível em [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742022000201700&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742022000201700&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 29 set. 2024.

PEREIRA, Dayse de Cássia; ROSAL, Anna Silvia Rosal de. **Ideação Suicida:** Manejo na Clínica Psicanalítica. *Leitura Flutuante: Clínica da Cultura e elementos de Conexão entre Semiótica e Psicanálise*, São Paulo, v. 11, ed. 2, p. 48-84, 15 jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/download/45320/pdf/135057>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PEREIRA, D.C; ROSAL, A. S. R. de. **Ideação Suicida:** Manejo na Clínica Psicanalítica. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/45320>. Acesso em: 27 out. 2024.

RAUPP, C. S.; MARIN, A. H.; MOSMANN, C. P. Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino. **Psicologia Clínica**, 2018. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652018000200006&lng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000200006&lng=pt) . Acesso em: 10 nov. 2024.

RIBEIRO, C. N.; GUERRA, A.M.C. **Adolescência, atos e o risco de suicídio.** São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pusp/a/RQ4Qhh4HFznJRYpGZC7VZ9q/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190108>

RIGO, Soraya Carvalho. Respostas da Soraya Carvalho Rigo. IN: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org). **O suicídio e os desafios para a psicologia.** Brasília, 2013. Cap. 9, p. 125- 138.

SGANZERLA, G. C. Risco de suicídio em adolescentes: Estratégias de prevenção primária no contexto escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e226820, 2021. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/cSRRLBHpxrsKghmcNWMWctJ/?lang=pt>. Acesso em: 14. nov. 2024.

SILVA, G. V. et al. Promoção de saúde mental para adolescente em uma escola de ensino médio - Um relato de experiência. **Rev. NUFEN**, Belém, v.11, n.2, p.133-148. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000200009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000200009). Acesso em: 10 nov. 2024.

VANNUCCHI, A. M. S. Suicídio na adolescência: Tentando pensar o impensável. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 53, n.4, p. 143-157, 2019.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642014000300246&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300246&lang=pt) . Acesso em: 14 maio 2024.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 01 - Termo de Autoria do Trabalho Acadêmico de Pesquisa**

O presente termo é documento integrante da Pesquisa de Conclusão de Curso, a ser submetida à avaliação da Instituição de Ensino como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de Formação de Psicólogo.

Nós, Bianca Aparecida de Oliveira Santos, CPF 391.434.618-32, Registro de Identidade 50.198.266-8, Eduardo Luciano Camolez, CPF 302.278.118-01, Registro de Identidade 30.012.224-x, Isabelly Braga de Barros, CPF 509.416.388-47, Registro de Identidade 39.208.220-2, Micoli Cerqueira dos Santos, CPF 378.778.458-63, Registro de Identidade 39.285.849-6, Vanessa Alves Spindola, CPF 329.594.208-02, Registro de Identidade 42.737.023-1, Viviane Silveira Leite, CPF 314.392.838-77, Registro de Identidade 35.228.135-2 na qualidade de estudantes de Graduação do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Universidade Paulista - UNIP, declaramos que o Trabalho Acadêmico de Pesquisa Manejo Clínico Psicológico Diante de Adolescentes com Ideações Suicidas, requisito necessário à obtenção do grau de Formação de Psicólogo, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade.

Nesse sentido, declaramos, para os devidos fins, que:

- a. A referida pesquisa foi elaborada com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
  - b. as citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em minha pesquisa, estão sempre claramente identificadas entre aspas ou em destaque, com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela normatização;
  - c. todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como às longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituem plágio;
  - d. todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fomos devidamente informados(as) e orientados(as) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude;
  - e. é vedado o emprego de Inteligência Artificial (AI) na produção da pesquisa
- A Professora responsável pela orientação do nosso trabalho de pesquisa apresentou-nos a atual declaração, requerendo o nosso compromisso de não praticarmos quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração da minha pesquisa, razão pela qual declaramos ter lido e entendido todo o seu conteúdo e que o trabalho desenvolvido é fruto do nosso exclusivo trabalho.

\_\_\_\_\_  
EDUARDO LUCIANO CAMOLEZ - T035CE-1

\_\_\_\_\_  
ISABELLY BRAGA DE BARROS - G18JHH-3

\_\_\_\_\_  
MICOLI CERQUEIRA DOS SANTOS – F341AB-2

\_\_\_\_\_  
VANESSA ALVES SPINDOLA - T0591D-9

\_\_\_\_\_  
VIVIANE SILVEIRA LEITE - T0430B-1

Ciente, \_\_\_\_\_  
Profª Me. Edna A. Mercado - Orientadora

Ciente, \_\_\_\_\_  
Profª Maria Cristina Pellini - Coordenadora do Curso de Psicologia

## Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

### Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela com o resumo da análise do CopySpider. Cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outros arquivos em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais").

A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de similaridade dos arquivos. Quanto maior a quantidade de termos comuns, combinada com o agrupamento desses termos, maior a similaridade entre os arquivos.

No início de cada comparação entre arquivos, encontram-se um resumo numérico dos resultados:

- Arquivo 1: <nome do arquivo> (<Ni> termos)
- Arquivo 2: <nome do arquivo> (<Nc> termos)
- Termos comuns: <N>
- Similaridade:
  - \* Índice antigo (S): <x> %
  - \* Índice novo (Si): <y> %
  - \* Agrupamento (Sg): <Alto|Moderado|Baixo>

No texto do documento, os termos em comum são marcados em cores diferentes:

- **Amarelo**: quando são considerados no cálculo do Novo Índice de Semelhança (Si) e;
- **Vermelho**: quando estão agrupados e fazem parte do Índice de Agrupamento (Sg).

Os termos marcados em amarelo são comuns entre os documentos, mas, por não estarem agrupados, tendem a não caracterizar cópia. Os termos marcados em vermelho também são comuns e têm maior chance de serem interpretados como cópia.

É importante destacar que a classificação da semelhança como Alta, Moderada e Baixa não representa um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade Alta e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)

[Como interpretar os índices de semelhança?](#)

Versão do CopySpider: 3.5

Relatório gerado por: [biaoliver165@gmail.com](mailto:biaoliver165@gmail.com)

Análise no modo: Web/Detalhada (disponibilidade de 15.5%) em 46:19 s

Idioma da busca: Português

<b>Arquivos</b>	<b>Termos comuns</b>	<b>Semelhança</b>	<b>Agrupamento</b>
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/analisevici/article/download/4122/3504">portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/analisevici/article/download/4122/3504</a>	224	Baixa	Moderado
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://www.academia.edu/40255283/A_PR%C3%81TICA_CL%C3%8DNICA_NA_PSICOLOGIA_HIST%C3%93RICO_CULTURAL">www.academia.edu/40255283/A_PR%C3%81TICA_CL%C3%8DNICA_NA_PSICOLOGIA_HIST%C3%93RICO_CULTURAL</a>	128	Baixa	Moderado
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://books.scielo.org/id/jnj37/pdf/silva-9786586545722.pdf">books.scielo.org/id/jnj37/pdf/silva-9786586545722.pdf</a>	1633	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://saude.es.gov.br/Media/sesa/Protocolo/DiretrizesClinicas_em_saude_mental.pdf">saude.es.gov.br/Media/sesa/Protocolo/DiretrizesClinicas_em_saude_mental.pdf</a>	1572	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/migrados/File/Caderno_BASES_digital.pdf">www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/migrados/File/Caderno_BASES_digital.pdf</a>	1430	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/51281/1/Quandosuicidioinvade_Queiroz_2022.pdf">repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/51281/1/Quandosuicidioinvade_Queiroz_2022.pdf</a>	1254	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56643/5/2020_tese_jmclarindo.pdf">repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56643/5/2020_tese_jmclarindo.pdf</a>	1236	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1_2019.pdf">www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1_2019.pdf</a>	1125	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista_conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-2019.pdf">www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista_conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-2019.pdf</a>	1109	Baixa	Baixo
TCC - Em desenvolvimento - Documentos Google.pdf X <a href="http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf">site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf</a>	1106	Baixa	Baixo